CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CRISTIANE AGUIAR PITANTE

JULIA GRAZIELY RUFINO PIO

DEBATE ENTRE A EDUCAÇÃO RURAL E DO CAMPO: A IDENTIDADE HISTÓRICA DA ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO PROFESSOR WILSON DE AZEVEDO DO MUNICÍPIO DE APUCARANA - PR

Apucarana
2022

CRISTIANE AGUIAR PITANTE

JULIA GRAZIELY RUFINO PIO

DEBATE ENTRE A EDUCAÇÃO RURAL E DO CAMPO: A IDENTIDADE HISTÓRICA DA ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO PROFESSOR WILSON DE AZEVEDO DO MUNICÍPIO DE APUCARANA - PR

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Mª. Gabriela Da Silva Sacchelli

Apucarana
2022

CRISTIANE AGUIAR PITANTE

JULIA GRAZIELY RUFINO PIO

DEBATE ENTRE EDUCAÇÃO RURAL E DO CAMPO: A IDENTIDADE HISTÓRICA DA ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO PROFESSOR WILSON DE AZEVEDO DO MUNICÍPIO DE APUCARANA - PR

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Prof
Faculdade de Apucarana

_____

Prof
Faculdade de Apucarana

_____

Prof
Faculdade de Apucarana

Apucarana, ___ de _____ de 2022.

AGRADECIMENTOS

Quatro anos se passaram e, o aos 39 anos, o sonho de infância é realizado, antes tarde do que nunca! Quanto aprendizado, quantas mudanças e amadurecimento. Neste momento, reina a felicidade por esta conquista, porém isso não seria possível se eu não pudesse contar com pessoas especias, a elas deixo registrado aqui meus agradecimentos.

À Deus por ter me guiado e permitido conseguir concluir este trabalho.

À minha querida, professora e orientadora Gabriela Sachelli, por toda orientação, dedicação, paciência e exemplo de conduta profissional.

À todos os professores do curso, por toda paciência e ensinamentos, vocês jamais serão esquecidos.

Ao meu amado esposo Orlando, por todo apoio e compreensão nos momentos aos quais me ausentei para me dedicar à conclusão deste trabalho.

Aos meus amados filhos Ruan, Matheus e Leonardo por todo apoio e compreensão nos momentos aos quais me ausentei do papel de mãe para me dedicar aos estudos e a este trabalho.

Ao meu pai, Valdemar, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais felizes e difíceis de minha vida.

À minha mãe, Maria Cleusa (*in memorian*), que se foi à tão pouco tempo, mas se faz presente em todos os dias de minha vida. Com certeza está comemorando este momento comigo.

À minha amiga e parceira neste trabalho, Julia Pio, por confiar em mim.

À equipe gestora da intituição pesquisa por toda atenção e colaboração no fornecimento de documentos da escola para a realizção da desta pesquisa.

Agradecimento de Cristiane Aguiar Pitante.

O que dizer nesse momento em que nem as palavras encontro. Esta jornada foi gratificante, enrequecido de conhecimento, oportunidades e desenvolvimento pessoal que so tenho a agradecer.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa, com saúde e forças para chegar até o final.

Agradeço ao meu esposo, Johnnathan Koga, pelo seu carinho, paciência e compreensão, que nesse momento foi a minha base.

Aos meus filhos, Kauã e Luiz Felipe, que foi por eles e para eles que me mantive focada e firme nas minhas decisões, que isso seja o maior exemplo de caminho certo a se seguir. Sou grata à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida.

Deixo um agradecimento especial para minha orientadora Gabriela Sacchelli pelo incentivo e pela dedicação do seu tempo ao meu projeto de pesquisa.

Agradeço aos meus professores pela dedicação durante nossa formação, que dedicaram cada minuto em nós transformar em verdadeiras Pedagogas.

Deixo aqui meu agradecimento especial para minha amiga e companheira de pesquisa, Cristiane Aguiar Pitante, que me deu o prazer de escrever esse projeto junta a ela, depositando sua confiança em mim.

Dedico todo esse trabalho a minha mãe, Ilka Maria (*in memorian*), que hoje se encontra junto ao Pai Celeste. Ela que dedicou toda sua vida ao nos ensinar que o caminho da educação sempre e o caminho certo a seguir, hoje ela comemora essa conquista tão deseja por nós.

Agradecimento de Julia G. Rufino Pio

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”

Paulo Freire

PITANTE, Cristiane Aguiar; PIO, Julia Graziely Rufino. **Debate entre educação rural e do campo: a identidade histórica da Escola Do Campo Professor Wilson De Azevedo.** 71p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Graduação em Pedagogia. Faculdade de Apucarana - FAP. Apucarana-Pr. 2022.

RESUMO

Este trabalho apresenta a identidade histórica da Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo localizada no Município de Apucarana, estado do Paraná. Compondo este trabalho são apresentadas pesquisas sobre a identidade histórica e memória histórica, abordamos também sobre as diferenças entre escola rural e escola do campo. Abordamos brevemente sobre a educação rural do Município de Apucarana. Para realizar esse trabalho foi necessário uma pesquisa de cunho qualitativa descritiva, por meio das pesquisas bibliográficas e análise de diversos tipos de documentos históricos e atuais da instituição de ensino como fotos, boletins, e livros ata. Esse processo de resgate da identidade da escola, tem relevância por apresentar conteúdos históricos ligados a instituição de ensino que faz parte do sistema de educação do Município de Apucarana. Vale Ressaltar a importância da preservação dos documentos escolares, pois eles foram fundamentais para a reconstrução histórica da instituição por guardarem informações, fatos, memórias importantes sobre o sistema educacional do município. Os resultados apresentados, evidenciam a relevância na preservação de documentos históricos das instituições de ensino.

Palavras - chave: Identidade Histórica. Memória Histórica. Escola Rural.

PITANTE, Cristiane Aguiar; PIO, Julia Graziely Rufino. **DEBATE ENTRE EDUCAÇÃO RURAL E DO CAMPO: A IDENTIDADE HISTÓRICA DA ESCOLA DO CAMPO PROFESSOR WILSON DE AZEVEDO.** 71p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Graduação em Pedagogia. Faculdade de Apucarana - FAP. Apucarana-Pr. 2022.

ABSTRACT

This paper presents the historical identity of the Municipal School of the Countryside Professor Wilson de Azevedo located in the municipality of Apucarana, state of Paraná. Composing this work are presented researches about the historical identity and historical memory, we also approached about the differences between rural school and country school. We briefly approached the rural education in the municipality of Apucarana. To carry out this work it was necessary a qualitative descriptive research, through bibliographical research and analysis of various types of historical and current documents of the educational institution as photos, bulletins, and minute books. This process of rescuing the identity of the school, has relevance by presenting historical content linked to the educational institution that is part of the education system of the municipality of Apucarana. It is worth emphasizing the importance of preserving school documents, because they were essential for the historical reconstruction of the institution for keeping information, facts, important memories about the educational system of the municipality. The results presented show the relevance of preserving historical documents of educational institutions.

Keywords: Historical Identity. Historical Memory. Rural School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa localização das Escola do Município de Apucarana 31

Figura 2 – Inauguração da escola Ucrânia 1945 31

Figura 3 – Fachada da escola São Pedro 1981 33

Figura 4 – Fachada da escola Wilson de Azevedo 2019 33

Figura 5 – Quadra da escola 34

Figura 6 – Localização da Escola no Mapa 35

Figura 7 – Patrono da Escola 35

Figura 8 – Boletim ano 1975 38

Figura 9 – Boletim ano 1976 39

Figura 10 – Boletim ano 2019 40

Figura 11 – Desfile da Escola 41

Figura 12 – Caderno de atividade da ex-aluna 44

Figura 13 – Atividade ex aluna parte 2 45

Figura 14 – Ata do grupo São Pedro 1973 47

Figura 15 – Ata da Escola M do C P Wilson de Azevedo 2017 48

Figura 16 – Festa organizada pela APMF 49

Figura 17 – Premiação recebida por meio de projetos 50

Figura 18 – Horta na Escola 51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Origem da Educação Rural e Educação do Campo..... 23

Quadro 2- Concepção Educação do Campo e Educação Rural 23

Quadro 3- Concepção de Educação da Escola rural e da Escola do campo 24

Quadro 4- Característica da Educação do Campo 26

Quadro 5- Características do atendimento da Instituição 36

Quadro 6- Estrutura Física da Instituição 40

LISTA DE SIGLAS

APP	Associação Pais e Professores
APMF	Associação de Pais Mestres e Funcionários
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONSED	Conselho Nacional dos Secretários de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAP	Faculdade de Apucarana
GPT	Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica
MEC	Ministério da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agraria
RCP	Referencial Curricular do Paraná
UNDIME	União Nacional da Dirigentes Municipais de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 PROBLEMA DE PESQUISA 16

3. OBJETIVOS 17
3.1 Objetivo Geral 17
3.2 Objetivos Específicos 17

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 18
4.1 Memória Histórica 18
4.2 Identidade Histórica 21
4.3 Da Educação Rural à Educação do Campo 23
4.4 Breve relato sobre a Educação Rural do Município de Apucarana 31

5 RESUTADOS DA PESQUISA 35
5.1 Aspectos Históricos da Escola Municipal Do Campo Professor Wilson de Azvedo 35
5.2 Origem do nome da instituição 38
5.3 Fontes Documentais 41
5.4 A fotografia como fonte de pesquisa 44
5.5 Caderno de ex aluna do ano de 1990 46
5.6 Instâncias Colegiadas 49

6. METODOLOGIA DA PESQUISA 55
6.1 Tipo de pesquisa 55
6.1.1 Pesquisa Qualitativa 55
6.1.2 Pesquisa descritiva 55
6.1.3 Local da pesquisa 56
6.1.4 Diagnóstico da Instituição de Ensino 56
6.2 Pesquisa Bibliográfica 56
6.3 Pesquisa Documental 58

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 60

REFERÊNCIAS 61

ANEXOS 69

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de identificar a identidade histórica da instituição Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo do Município de Apucarana, com o intuito de resgatar sua história ao longo de todos esses anos.

Para contextualizar historicamente a educação rural no Brasil, faz-se importante ter claro que a educação sempre esteve ligada e seguiu, de forma direta ou indiretamente, às orientações de setores econômicos, políticos, sociais ou culturais que foram se organizando na construção histórica do Brasil, sempre a partir dos interesses do capital, e que influenciaram diretamente e indiretamente as políticas para a educação pública a esses sujeitos (VIERO; MEDEIROS, 2018).

Conforme Bolonhezi (2017) pensar a Educação do Campo e as suas relações com os movimentos e organizações sociais exige destaque para os trabalhadores rurais e seus movimentos organizados pois os mesmos cumprem um papel fundamental dentro desse processo histórico de criação de uma política pública pensada especialmente para atender essa população: as escolas do campo.

Compreender a organização, conquista e desdobramentos dessa política intitulada Educação do Campo só pode ser possível com foco para os principais interlocutores que deram voz às reivindicações das populações rurais: os Movimentos Sociais Articulados (BOLONHEZI, 2017).

Cabe salientar que mesmo quando se formulou políticas ou ações para a educação do meio rural, estas ações seguiram o modelos educacionais pensados para a cidade, materiais didáticos, programas, livros, professores, segundo Viero e Medeiros (2018). Os autores ressaltam que nunca se pensou ou se observou a necessidade de dar aos povos do campo uma educação capaz de garantir o bem-estar coletivo destas populações e dos indivíduos que dela fazem parte.

Segundo Schelbauer (2014), a renomada escola primária rural foi apresentada pela primeira vez em uma mensagem em relação ao ano em 1924 a 1928 e apresentada pelo presidente do Estado, Caetano Munhoz da Rocha, o Congresso Legislativo, que indica as 120 escolas primárias rurais subsidiadas pela Elunion, de acordo com o Decreto 13.014, de 13 de maio de 1918 Paraná (1928).

O decreto obrigava os Estados a não reduzirem o número de escolas existentes e a aplicarem 10% de sua receita na instrução primária e normal, permitindo que a União fiscalizasse o funcionamento das escolas por ela subvencionadas e fornecesse o programa a ser adotado (SCHELBAUER, 2014). A autora salienta que essa escola primária rural, subvencionada mediante acordo com o governo federal, situava-se, sobretudo, nas zonas de colonização e configurava-se como escolas isoladas, regidas por um único professor, em salas multisseriadas.

A pesquisa sobre instituições escolares tem sido de grande relevância para a área de História da Educação no Brasil, pois cada instituição escolar carrega em si marcas da comunidade em que está inserida, bem como se constitui como um espaço de produção da realidade educacional de épocas distintas.

Desta forma, é necessário analisar todo o contexto relacionado com a instituição pesquisada com o intuito de relacioná-la ao processo em que se deu a consolidação de sua identidade (BARION, 2014).

O presente trabalho surgiu por interesse das acadêmicas em aprofundar os conhecimentos sobre o tema abordado. No decorrer da pesquisa, observamos que é um tema numeroso na aéra da História da Educação de nosso país.

Nosso problema de pesquisa trás a seguinte questão: Qual a identidade histórica da Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo do Município de Apucarana? A partir desta problematização, elaboramos os seguintes objetivos específicos: investigar a historicidade de uma escola rural de Apucarana, aprofundar o conhecimento sobre memória histórica, identidade histórica e analisar os dados coletados com base na fundamentação teórica.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas pesquisas em artigos, teses, dissertações, livros e *ebooks*, em que a partir das pesquisas apresentamos 7 capítulos, dentre eles os conceitos de memória, identidade e as diferenças entre educação rural e educação do campo.

Em relação à metodologia, a pesquisa é de cunho qualitativa descritiva, utilizamos a pesquisa bibliográfica para a fundamentação e a pesquisa documental, que foi realizado por meio de documentos dentre eles boletins escolar, livros ata e fotos, sendo realizada na Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo Município de Apucarana.

Consideramos que o presente trabalho é valoroso para a História da Educação de nosso Município, pois possibilita o resgate histórico de uma de suas instituições.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Qual a identidade histórica da instituição do Campo Professor Wilson de Azevedo do Município de Apucarana?

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Investigar a identidade histórica de uma instituição rural do Município de Apucarana.

3.2 Objetivos Específicos

- Investigar a historicidade de uma escola rural de Apucarana
- Aprofundar o conhecimento teórico sobre memória histórica, identidade histórica.
- Analisar os dados coletados com base na fundamentação teórica.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Memória Histórica

Conforme Olivindo (2001), a etimologia da palavra memória, formada por dois termos de origem latina, também denuncia essa relação com as temporalidades e com a propriedade de reter informações: *me* + *mores*, em que "*me* significa manter, preservar", e *mores*, significa "costume, experiência de modo que memória refere-se o ato de preservar as experiências, de manter os costumes." Sendo assim, podemos dizer que memória é o ato preservar as experiêcias vividas por um sujeito ao longo de toda sua vida.

Entendidas por vezes como complementares, por vezes como antagonistas, as relações entre memória e história, enquanto dois modos de gestão do passado tem sido uma das preocupações do debate historiográfico atual afirma Bôas (2015).A autora ainda enfatiza que nas relações entre memória e história houve um longo caminho a ser percorrido para que essa discussão se tornasse uma questão epistemológica central da disciplina histórica (BÔAS, 2015).

Ressalta Ricoeur (2000), por exemplo, apresenta a memória como a matriz mesma da história, afirmando que a imbricação entre história e memória é inevitável e que não há, portanto, separação possível: a história é tributária da memória e a memória é tributária da história. Segundo Barros (2009), a memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado.

Para completar, Barros (2009) ressalta:

> […] de fato, se a Memória Coletiva era encarada como um "depósito problematizadas, era até certo modo natural que, diante de uma significação como essa, a noção de Memória fosse contraposta assimetricamente à ideia de História, esta entendida como um campo de conhecimento necessariamente problematiza, por assim dizer, e quando muito poderia ser utilizada pela Historiografia como um canteiro de fontes historiográficas (BARROS, 2009, p. 39).

Nas palavras de Santos (2015) a memória antecede a história; é processo individual e coletivo. A História não vive sem a Memória, mas a Memória social também se alimenta dos conteúdos da historicização. A autora enfatiza que aí se encontra a categoria de memória histórica, sendo síntese social entre as memórias vividas e as memórias transmitidas ou herdadas, ou a própria utilização dos registros disponíveis numa sociedade e legitimam a lembrança ou o esquecimento.

Nesta mesma linha de pensamento, Olivindo (2001) diz que:

> A memória, portanto, é uma das mais importantes características humanas. Está tanto na constituição do indivíduo quanto na base da civilização, de maneira que é possível identificá-la nas lembranças pessoais, na oralidade, nos lugares, nos símbolos, nas comemorações, nos calendários, nos documentos, nos monumentos e etc. Assim, por constitui-se traços do passado é para o historiador uma ferramenta importante para a análise das experiências humanas ao longo do tempo e para o professor de história um conceito fundamental para fazer pensar historicamente (OLIVINDO, 2001, p. 2532).

Conforme Halbwachs (1990) concebe a memória como a história vivida por uma comunidade, suas tradições e costumes, e o conhecimento histórico como um passado morto, fato externo consumado que, só depois de objetivado, se impõe e é incorporado ao conhecimento social. Magalhães (2016) salienta que nesse sentido compreendemos que as discussões sobre memória nos remetem à análise das formas sob as quais estão balizadas as evidências da realidade, seus ocultamentos ou valorização em detrimento de determinados saberes transmitidos.

Para complementar a mesma autora diz que:

> E, inevitavelmente, como a história apreende esta instância de manifestação da realidade, por meio de homens e mulheres reais, produtores e produtoras de uma realidade material historicamente determinada. Como a memória social e coletiva carrega sistema de valores construído dentro das relações de produção dominante, como apreendem os conflitos e contradições sociais, podendo gerar disputas de história e de memória. Como podem ou estão provocando de forma clara ou latente, reconstruções de realidades que ficaram submersas socialmente em decorrência de usos e abusos de poder, interesses etc (MAGALHÃES, 2016, p.170).

Segundo Nora (1993), tudo que hoje se denomina memória não é outra coisa senão história: a memória transmutada em "operação intelectual e laicizante". Sendo

assim, a história seria, portanto, uma apropriação seletiva de lembranças/vestígios com o intuito de bloquear o esquecimento e, ao mesmo tempo, moldar uma identidade, ressalta Wanderley (2009).

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que:

> [...] a memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana (LE GOFF, 2013, p. 387).

Segundo Lara (2016), a memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de interação de cada indivíduo com seu meio. Conforme Le Goff (2013), também há alguns elementos importantes para o estudo da memória e insere o caráter de identidade como fundamental para conceitua-la como algo a ser conquistado, construído. O autor enfatiza que:

> [...] enquanto geradora da identidade, a memória pode ser vislumbrada como sendo participante de sua construção, uma vez que, a própria identidade de uma sociedade, realiza certas seleções da memória, e ainda, dá forma às predisposições que vão conduzir o indivíduo a incorporar alguns aspectos particulares do passado (LE GOFF, 2013, p. 437).

Conforme Garcia (2015), a memória é uma representação do passado, um recorte daquilo que foi e não é mais. A mesma autora ainda ressalta que uma rede de processos biológicos e sociais (identidade, papéis sociais, vida pública e vida privada, etc.) que desencadeiam uma teia de acontecimentos importantes para a vivência dos sujeitos. Assim sendo, a memória é um conjunto de códigos que compreendem a identidade, pois faz o indivíduo refletir sobre si, sobre o eu, e a consciência que entende o homem a partir da sua autorreflexão, desenvolvendo o seu papel crítico-social (GARCIA, 2015).

Segundo Izquierdo (1989), o fluxo temporal se caracteriza pela ida (do passado para o futuro) e pela volta (do futuro para o passado) e existe somente um ponto de encontro entre essas duas dimensões: o presente. O passado se legitima pela memória, o futuro se legitima pela incerteza (IZQUIERDO, 1989). Para Garcia

(2015), a memória nada mais é que as experiências vividas pelo sujeito no tempo. O mesmo autor afirma que existe uma relação dialética entre esses dois conceitos; a memória permeia várias dimensões das ciências sociais, principalmente aquelas que compreendem o homem (eu) e o tempo, conforme aborda Garcia (2015).

Considerando-se a evocação do passado como substrato da memória, pode-se deduzir que, em sua relação com a história, a memória constitui-se como forma de retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda (DELGADO, 2010). Compreendemos que a memória é uma representação realista da sociedade, com suas devidas agremiações do presente e as suas perspectivas sobre o passado (pluralidade memorísticas). Então, ela pode ser entendida como a matéria prima da História (GARCIA, 2015).

Sendo assim, compreendemos que a memória e a história caminham ambas, lado a lado, na busca pela lembrança. Consideramos que a memória constitui-se de fatos do passado de um indivíduo, sendo de suma para a construção de sua identidade e nos permite valorizar, experiências vividas por certos indivíduos ao longo da vida. E por fim podemos dizer que a memória é registro.

4.2 Identidade Histórica

Segundo Freitas Junior e Perucelli (2019), a perspectiva do senso comum, quando reporta-se para o conceito de identidade, volta-se para características própria de determinado indivíduo, diferenciando-o de outro indivíduo. As identidades são construídas dentro e não fora do discurso, sendo necessário compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, em formações de práticas discursivas específicas, e ainda com estratégias e iniciativas específicas, conforme Hall (2012).

Para fundamentar, Freitas Junior e Perucelli (2019), ressaltam que:

> Nota-se nas percepções de identidade, que o indivíduo nasce em um contexto histórico, em uma cultura, inserido em uma sociedade específica, corroborando assim, para seus primeiros espaços de sociabilização e construção de sua identidade. Contudo, com o seu processo relacional (indivíduo/sociedade ou indivíduo/cultura), o mesmo passa a encontrar diferenças identidades, espaços de convivência, de culturas, e principalmente diversas formas de lutas

> originando assim, outras oportunidades de remodelar sua identidade. Entretanto, quando se volta para essas possibilidade de adquirir diversas identidades, esse indivíduo, não vive somente em um espaço de sociabilização, por exemplo: família, estudos, trabalho, lazer, etc. (FREITAS JUNIOR; PERUCELLI, 2019, p. 121).

Portanto, compreendemos que o indivíduo vem formando sua identidade desde seu nascimento, conforme o contexto histórico ao qual vive, e que está identitidade está em constante transformação, uma vez que este indivíduo convive com diferentes ambientes e se socializa com diversas pessoas ao longo de sua vida.Nesta mesma linha de pensamento, Silva (2009) afirma que a identidade é compreendida como metamorfose do eu e foi elaborada numa tentativa, no Brasil, de substituir o termo personalidade por, supostamente, estar contaminado por correntes teóricas vinculadas a práticas reacionárias dentro da psicologia. Nesta mesma pesperctiva de entendimento da identidade Silva (2009) diz que é:

> No processo de constituição da identidade, os papéis que o indivíduo assume ao longo de sua vida fazem parte de sua construção, partindo de uma identidade pressuposta (o que o outro ou a própria pessoa idealizava em relação ao desempenho daquele papel), a vivida e a que será vivida enquanto projeto de vida. Assim, a identidade é posta e repostacontinuamente, pois o indivíduo vivencia ao mesmo tempo vários papéis, o que o torna um personagem da vida, que sempre se metamorfoseia de acordo com as condições históricas e sociais a que está submetido. (CIAMPA, 1987, p. 188 *apud* SILVA, 2009).

Segundo Hall (1997), o conceito identidade sugere a identificação de alguma coisa ou alguém e, nessa perspectiva, e unindo vários alguéns, temos os grupos representativos e indentitários. A identidade é como características históricas, relatando que o ser humano não está imóvel em relação a esta (HALL, 2006). O autor ainda ressalta que o indivíduo assume identidades diferentes, em diferentes momentos, podendo estas sofrerem alterações ao longo do processo histórico. São essas transformações que influenciam a maneira de compreendermos o sujeito e sua cultura.

Nesta mesma linha de discussão Cabral (2005) diz que:

> Para conhecer a identidade de um grupo social precisam-se buscar rastros e memórias que ajudem a narrar os fatos que envolvia aquele

> grupo, nunca saberemos a verdade realmente de como aconteceu, pois o que ocorre é uma reconstrução do passado, mas teremos um conhecimento com relação ao grupo que nos debruçamos a pesquisar. É importante salientar que a identidade sempre muda, pois a identidade de um grupo nem sempre permanece do mesmo jeito no decorrer dos anos. (CABRAL, 2005, p. 6).

O conceito de identidade, a partir de suas várias definições, nos leva a compreender que a identidade de um indivíduo é formada por suas próprias características, por suas vivências. Sendo assim entende-se identidade como metamorfose, o seja sujeito em constante transformação de acordo com seu contexto histórico social. Neste processo inclui a identificação própria e a identificação reconhecida por outro.

4.3 Da Educação Rural à Educação do Campo

No que se refere à educação no meio rural, observamos que foi historicamente relegada a espaços marginais nos processos de elaboração e implementação das políticas educacionais na realidade brasileira, segundo Silva Júnior e Borges Netto (2011). Contudo, conforme Nascimento (2018), em meio a tanto descaso, abandono e negligência a educação rural continuou sendo atacada. Isso é visível na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n. 4024/61, ao determinar que os Municípios fossem os responsáveis pelo custeamento das escolas rurais.

Para Nascimento (2018), essa dissociação provocou danos ainda maiores aos alunos das escolas rurais, pois as prefeituras, em sua maioria, não disponibilizavam de recursos que pudessem financiar os materiais pedagógicos, tampouco, os profissionais docentes. Para complenta o autor afirma que:

> A LDBEN n. 9394, de 1996, ao tratar da oferta da educação básica para as populações rurais, aponta para que os sistemas de ensino promovam as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural, em cada região do Brasil, especialmente no que se refere aos: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições

> climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL/MEC, LDB 9.394/96, art. 28). (NASCIMENTO, 2018, p. 36).

A respeito dessa questão Nascimento (2018), diz que assim, podemos entender que o histórico de lutas dos povos campesinos e pesquisadores da área, resultaram na construção de novas diretrizes orientadoras da educação rural e das escolas localizadas no campo. Silva Junior e Fonseca (2010) enfatizam que:

> é importante que a escolaridade rural tenha como objetivo principal proporcionar conhecimentos, cidadania e continuidade cultural. A escola, ao ser levada ao campo, depara-se com as mais diversificadas formas de processos produtivos, culturas heterogêneas, clientelas diferenciadas, com valores e aspirações próprios. Assim, defendemos um projeto educativo que se realize na escola e que seja do campo e no campo e não para o campo (SILVA JUNIOR; FONSECA, 2010, p. 473)

De acordo com Oliveira e Campos (2012), a educação rural desempenhou o papel de inserir os sujeitos do campo na cultura capitalista urbana, tendo um caráter marcadamente “colonizador”, tal como critica. Os autores ressaltam que:

> Ao contrário da Educação do Campo, a educação rural sempre foi instituída pelos organismos oficiais e teve como propósito a escolarização como instrumento de adaptação do homem ao produtivismo e à idealização de um mundo do trabalho urbano, tendo sido um elemento que contribuiu ideologicamente para provocar a saída dos sujeitos do campo para se tornarem operários na cidade (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012, p. 240).

Torres e Simões (2011) ressaltam que a Educação do Campo não é uma sucessão da Educação Rural, sendo a Educação do Campo uma proposta consagrada pelos movimentos sociais ligados ao campo. Neste contexto, o termo Educação do Campo remete a um conceito recente no ideário educacional, pois, até uma década atrás, o que havia era a nomenclatura Educação Rural (TORRES; SIMÕES, 2011).

A Educação do Campo, diferente da Educação Rural, se organiza como uma modalidade inclusiva de educação, promovendo o acesso dos trabalhadores na escola, pautando-se em uma proposta pedagógica que visa preservar a identidade deste camponês (ROSSATO; PRAXEDES, 2015, p.12).

Sendo assim:

> Distinguir estes conceitos é relevante, uma vez que a Educação Rural e a Educação do Campo são concepções educacionais diferentes, sendo a Educação do Campo uma proposta consagrada por diversos movimentos sociais ligados ao campo, provinda da necessidade de "romper" com o modelo educacional rural até então utilizado (TORRES; SIMÕES 2011, p. 2).

A respeito desta questão, apresentaremos quadros que enfatizam as diferenças entre os conceitos de educação rural e da atual educação do campo conforme os pensamentos de Schwendler (s.d.) apud Torres e Simões (2011):

Quadro 1- Origem da Educação Rural e da Educação do Campo.

Educação Rural	Educação do Campo
A partir das primeiras décadas do século XX.	A partir da luta e articulação dos movimentos sociais.
Pensamento latifundista empresarial, visando à preparação para o trabalho no desenvolvimento da agricultura.	1997 – I Encontro de educadores da Reforma agrária.
1923 – I Congresso de agricultura do Nordeste.	1998 – I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo.

Fonte: Autoras do trabalho com base em Schwendler (s.d.) apud Torres e Simões (2011).

Observamos a partir do quadro 1 que a educação rural no Brasil surgiu em meádos do século XX, com o intuito de formar o sujeito do meio rural para posteriormente atender as demandas de mão de obra do urbano. Já no que diz respeito a educação do campo, está se consolidou por meio de lutas e dos movimentos sociais, a fim de garantir uma educação que fosse para o homem do campo, nesta educação o sujeito se expressa sua identidade e sua cultura.

Quadro 2 – Concepção Educação Rural e da Educação do Campo

Educação Rural	Educação do Campo
Visão reprodutivista como espaço de produção econômica, a partir dos interesses do capital.	Espaço de vida e resistência dos camponeses que lutam para terem acesso e permanecerem na terra.

Exclui os que não se incluem na lógica da produtividade.	Espaço de produção material e simbólica das condições de existência, de construção de identidades.

Fonte: Autoras do trabalho com base em Schwendler (s.d.) apud Torres e Simões (2011).

A partir do quadro 2, observamos as diferenças entre as duas concepções, porém é nítido que a educação rural não consolidou grandes avanços, enquanto a educação do campo foi progredindo ao longo dos anos, por meio das lutas dos sujeitos do campo.

Quadro 3 - Concepção de Educação da Escola rural e da Escola do campo

Educação Rural	Educação do Campo
Definida pelas necessidades do mercado de trabalho.	Construído pelos e com os sujeitos do campo.
Retrata o campo a partir do olhar do capital seus sujeitos de forma estereotipada, inferiorizada.	Pensada a partir da especificidade e do contexto do campo e seus sujeitos.

Fonte: Autoras do trabalho com base em Schwendler (s.d.) apud Torres e Simões (2011).

Por fim a análise do quadro 3, podemos compreender que a educação rural foi pensada para atender as necessidades da zona urbana, ou seja, formar sujeitos com o mínimo de instrução para trabalhar nas empresas da cidade. Contudo, é visível que a educação do campo, é uma educação que preza o homem do campo, e além de tudo valoriza sua cultura, sua identidade e suas lutas.

Para Caldart (2004), a expressão “educação do campo” apresenta uma nova conotação. Segundo a autora esse é “o momento do batismo coletivo de um novo jeito de lutar e pensar a educação para o povo brasileiro que vive e trabalha no e do campo" (CALDART, 2004, p. 13). A autora enfatiza que é educação do campo e não mais educação rural ou educação para o meio rural. A proposta é pensar a educação do campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de lutas de suas organizações.

A respeito dessa questão, no parágrafo único do art. 2º das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo diz que:

> A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na sua temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de Ciência e Tecnologia disponível na Sociedade e nos Movimentos Sociais em defesa de projetos que associem as soluções por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002, p.37).

Sendo assim, visando responder às demandas dos movimentos sociais do campo que, desde o final da década de 1990, se arrastavam no Conselho Nacional de Educação (CNE), surgem, no contexto educacional da década seguinte, o parecer nº 36, de 2001, e a resolução nº 1 (3 de abril de 2002 –Diretrizes operacionais da educação do campo), bem como o Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo[1] (GPT, 2003) OLIVEIRA; CAMPOS, 2012). É importante ressaltar que os dados do Censo de 2010 (IBGE) apontam que a população rural brasileira corresponde a 15% da população total do país. Em 2000, população rural correspondia a 19%; já os dados do censo de 1980 mostravam 32% da população vivendo em meio rural. (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012).

Para Oliveira e Campos (2012), podemos constatar a triste realidade do êxodo rural tomando a insuficiente política de educação do campo como exemplo do descaso com que, durante séculos, os povos do campo foram tratados pelo poder público, mesmo que nos últimos dez anos tenham se obtido conquistas. As autoras enfatizam que entretanto, de todos os aspectos característicos da educação do campo, o mais contraditório é o do fechamento das escolas. Com relação a esta questão as autoras afirmam que:

> Por parte dos sistemas estaduais e municipais de ensino, permanece a política de fechamento das escolas do campo, por meio da nucleação e da oferta de transporte dos educandos para escolas urbanas. Essa política já foi reiteradamente criticada e condenada

[1] O GPT – Grupo Permanente de Trabalho em Educação do Campo foi instituído através da Portaria nº 1.374, de 3 de junho de 2003, com a atribuição de com a atribuição de articular as ações do Ministério da Educação pertinentes à educação do campo, divulgar, debater e esclarecer as Diretrizes Operacionais Para a Educação Básica nas Escolas do Campo – Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo - 2004.

> pelo MEC, pelo Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e pelo CNE, visto que contribui para a evasão, a repetência e a distorção série– idade, na medida em que as viagens realizadas pelos estudantes de casa até a escola são cansativas, constituindo-se em fator de desistência. (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012, p. 243).

De acordo com Caldart (2012), o surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. A autora ressalta que passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004.

O argumento para mudar o termo Educação Básica do Campo para Educação do Campo aparece nos debates de 2002, realizados no contexto da aprovação do parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 36/2001, relativo às Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Brasil, 2001) assim salienta Caldart (2012). O lema formulado na II Conferência Nacional fala que:

> “Educação do Campo: direito nosso, dever do Estado!”, expressou o entendimento comum possível naquele momento: a luta pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação é específica, necessária e justa, deve se dar no âmbito do espaço público, e o Estado deve ser pressionado para formular políticas que a garantam massivamente, levando à universalização real e não apenas princípio abstrato. (CALDART, 2012, p. 262).

Por fim, Caldart (2012) afirma a Educação do Campo, como prática social ainda em processo de constituição histórica, tem algumas características que podem ser destacadas para identificar, em síntese, sua novidade ou a “consciência de mudança” que seu nome expressa. Sendo assim, elaboramos um quadro para enfatizar sobre essas práticas e características ao qual Caldart (2012) menciona.

Quadro 4 - Características da Educação do campo

Constitui-se como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação (e não a qualquer educação) feita por eles mesmos e não apenas em seu nome. A Educação do Campo não é para nem apenas com, mas sim, dos camponeses, expressão legítima de uma pedagogia do oprimido.
Assume a dimensão de pressão coletiva por políticas públicas mais abrangentes ou mesmo de embate entre diferentes lógicas de formulação e de implementação da política educacional brasileira. Faz isso sem deixar de ser luta pelo acesso à educação em cada local ou situação particular dos grupos sociais que a compõem, materialidade que permite a consciência coletiva do direito e a compreensão das razões sociais que o impedem.
Combina luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território. Por isso, sua relação de origem com os movimentos sociais de trabalhadores. Na lógica de seus sujeitos e suas relações, uma política de Educação do Campo nunca será somente de educação em si mesma e nem de educação escolar, embora se organize em torno dela.
Defende a especificidade dessa luta e das práticas que ela gera, mas não em caráter particularista, porque as questões que coloca à sociedade a propósito das necessidades particulares de seus sujeitos não se resolvem fora do terreno das contradições sociais mais amplas que as produzem, contradições que, por sua vez, a análise e a atuação específicas ajudam a melhor compreender e enfrentar.
Suas práticas reconhecem e buscam trabalhar com a riqueza social e humana da diversidade de seus sujeitos: formas de trabalho, raízes e produções culturais, formas de luta, de resistência, de organização, de compreensão política, de modo de vida.
A Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica. Contudo, exatamente porque trata de práticas e de lutas contra hegemônicas, ela exige teoria, e exige cada vez maior rigor de análise da realidade concreta, perspectiva de práxis.
Seus sujeitos têm exercitado o direito de pensar a pedagogia desde a sua realidade específica, mas não visando somente a si mesmos: a totalidade lhes importa, e é mais ampla do que a pedagogia.

A escola tem sido objeto central das lutas e reflexões pedagógicas da Educação do Campo pelo que representa no desafio de formação dos trabalhadores, como mediação fundamental, hoje, na apropriação e produção do conhecimento que lhes é necessário, mas também pelas relações sociais perversas que sua ausência no campo reflete e sua conquista confronta.
A Educação do Campo, principalmente como prática dos movimentos sociais camponeses, busca conjugar a luta pelo acesso à educação pública com a luta contra a tutela política e pedagógica do Estado (reafirma em nosso tempo que não deve ser o Estado o educador do povo).

Fonte: Autoras do trabalho com base em Caldart (2012).

Ao analisarmos o quadro baseado nos pensamentos de Caldart (2012), compreendemos a educação do campo com importantes características, que nos apresentam uma educação revolucionária, e nos levar a enxergar a educação do campo como uma prática social, que transforma o sujeito, que defende suas lutas e suas práticas. Para fundamentar apresentamos a Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008: Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.

> Art. 1º A Educação do Campo compreende a Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida - agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros.
>
> § 1º A Educação do Campo, de responsabilidade dos Entes Federados, que deverão estabelecer formas de colaboração em seu planejamento e execução, terá como objetivos a universalização do acesso, da permanência e do sucesso escolar com qualidade em todo o nível da Educação Básica.
>
> § 2º A Educação do Campo será regulamentada e oferecida pelos Estados, pelo Distrito Federal e pelos Municípios, nos respectivos âmbitos de atuação prioritária.
>
> § 3º A Educação do Campo será desenvolvida, preferentemente, pelo ensino regular.
>
> § 4º A Educação do Campo deverá atender, mediante procedimentos adequados, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, as populações rurais que não tiveram acesso ou não

> concluíram seus estudos, no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, em idade própria.
> § 5º Os sistemas de ensino adotarão providências para que as crianças e os jovens portadores de necessidades especiais, objeto da modalidade de Educação Especial, residentes no campo, também tenham acesso à Educação Básica, preferentemente em escolas comuns da rede de ensino regular. (BRASIL, 2008).

À vista disso tudo, compreendemos que os conceitos de educação rural e de educação do campo são concepções eminentes. É notório que a educação do campo esta articulada aos movimentos sociais, já a educação rural se relaciona à produtividade, sendo vista como aquela que leva o sujeito do campo para a cidade.

4.4 Breve relato sobre a Educação Rural do Município de Apucarana

Para contextualizar o cenário de criação das escolas primárias rurais no município de Apucarana–PR, foram abordados, inicialmente, os fatores que impulsionaram a criação das escolas rurais brasileiras e seus desdobramentos históricos, políticos, econômicos e sociais (SACCHELLI, 2019). Tendo em vista que o Brasil é um país onde se predomina a agrária, sendo assim houve a necessidade da implantação das escolas rurais para educar o povo do campo.

No Município de Apucarana, as escolas rurais surgiram na década de 1930 com a chegada das colonizações que vieram a fim de trabalhar nas lavouras de café. Sendo assim, articulado a este pensamento:

> A escola era vista como a instituição que poderia moldar a sociedade, eram notórias as variadas formas de se pensar a educação; então, para intensificar todos esses poderes dados à escola múltiplos projetos eram criados e disputavam a hegemonia. Tais ideais eram incorporados às visões necessárias para os avanços tecnológicos do país e, como decorrência, novas metodologias eram criadas e disseminadas, assim como a crescente necessidade de investimentos na formação de professores para estas instituições (SACCHELLI, 2019, p. 99).

Para complementar, Freire (2002) ressalta que a educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Sendo assim, entende-se a educação como uma prática formadora de sujeitos. A escola rural, neste contexto histórico e político,

evidencia os interesses e necessidades daquele momento e o Brasil, neste espaço temporal, poderia ser interpretado como um país de economia predominantemente agrária, justificando a necessidade de implantação de escolas rurais (SACCHELLI, 2019).

Para Faria (2007), Apucarana surgiu no auge da colonização do norte do Paraná, época de expansão agrícola da região, movida principalmente pela chegada de imigrantes de várias partes do mundo e da explosão da cafeicultura. Nesta mesma linha de pensamento Faria (2017) diz que:

> Imigrantes europeus, sobretudo de segunda migração, paulistas, mineiros e nordestinos, foram os que chegaram ao território paranaense, e a grande leva populacional incitava o desenvolvimento de povoados e cidades. Havia áreas recém-colonizadas em que acontecia a abertura de estradas, chegada de (i) migrantes com crianças em idade escolar, necessidade de escolas primárias rurais e professores para atuarem nas zonas em expansão. (FARIA, 2017, p. 43).

De acordo com Sacchelli (2019), a colonização ucraniana trouxe pioneiros à Apucarana que muito contribuiram para o desenvolvimento local. Foram eles os renponsáveis por construir as primeiras casas, escolas, casas comerciais, a primeira igreja, tendo ampla relevância na (re)ocupação do município. Sendo assim, podemos compreender a relevância da colonização ucraniana em nosso município, foi por meio deles que surgiu o processo de construção educacional rural e a modernização da cidade de Apucarana.

Neste sentido, para modernizar o campo, era preciso atingir o homem que ali habitava e, portanto, modernizar significava educar o campesino, ação que ocorreria se a escola primária chegasse até ele (FARIA, 2007). A autora Sacchelli (2019), pesquisou no Município de Apucarana 90 escolas rurais, que foram organizadas da seguinte forma:

Figura 1- Mapa Localização das Escolas do Munícipio de Apucarana

Fonte: Sacchelli, 2019 p.107.

A figura 1 mostra em destaque as escolas rurais dos anos de 1940 a 1990 no Município de apucarana, vale ressalar que a maioria destas escolas hoje encontram-se fechadas, outras mudaram a nomenclatura para escolas urbanas. Consta em anexos um quadro com a listagem destas 90 escolas pesquisadas com datas de inicío de funcionamento e datas em que as escolas foram desativadas, é possível observar que somente 6 escolas seguem ativas, sendo elas Escola Municipal Padre José Canalle, Escola Municipal 31 de Março, Escola Municipal Nipo Brasileira, Escola Municipal do campo Professor Wilson de Azevedo, Escola Municipal São Bartolomeu e José de Alencar.

Figura 2 - Inaguração da Escola Nova Ucrânia (1941)

Fonte: Revista Apucarana, Jubileu de Prata 1944-1969, (s. p.) (1968) apud Sacchelli (2019)

A figura 2 registra a inauguração da Escola Nova Ucrânia em 1941. Observamos que a escola foi construída em madeira, com telhas de barro, o que era característico da época de 1940-1990. Também notamos que havia um numeroso número de alunos.

De acordo com Sacchelli (2019), a existência de Escolas Rurais Municipais deve ser analisada com base na dinâmica do desenvolvimento do município, assim como no deslocamento populacional e suas variantes políticas e sócio-econômicas, sendo que o processode cessação e extinção se evidenciou nas décadas de 1980 e 1990. A autora afirma que a administração das escolas municípais tinha como prática a elaboração de documentos que autorizavam o funcionamento de algumas Escolas Primárias Rurais, embora não eram relatados os artifícios utilizados para manter ou cessar o funcionamento da escola.

Contudo, em relação aos fechamentos das escolas rurais ou mudanças na nomenclatura para escola urbana foi devido ao crescimento urbano aos redores destas escolas, e por conta da evasão da população da zona rural para a zona urbana.

5 RESUTADOS DA PESQUISA

5.1 Aspectos Históricos da Escola Municipal Do Campo Professor Wilson de Azvedo

A recuperação dos fatos da história local permite reconstruir interesses que norteam seu processo, permitindo a análise ampliada da sua configuração atual. Ao realizar o trabalho de preservação histórica de uma instituição, o historiador da educação contribui também para a valorização do patrimônio cultural. A história das instituições escolares trabalha com representações no sentido de tornar presente o que está ausente, num esforço de construção de uma imagem da escola como memória (WERLE, 2004).

Para Ragazzini (1999), a história da escola e das instituições educativas se configuraria como campo de estudos referidos aos lugares formais de educação com uma consideração especial exatamente para a escola. De acordo Maldonado (2020) se tratando de uma pesquisa em história das instuições escolares, há necessidade de um planejamento que organize roteiros e categorias de análise. Já Magalhães (1999) considera que a história das instituições educativas constitui um processo epistêmico que medeia entre a(s) memórias(s) e o arquivo, não se limitando a memória às dimensões orais, mas incluindo as crônicas e outros textos afins e não se confinando o arquivo à documentação e informações escrita.

Sendo assim, relataremos neste momento sobre a história da Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo, contando um pouco de sua trajetória desde os primeiros anos de funcionamento até os dias atuais.

A Escola Municipal Do Campo Professor Wilson de Azevedo, antes chamada de Escola Municipal Wilson de Azevedo foi fundada em 20 de fevereiro de 1978 pelo Decreto nº 462978 e Resolução nº 7401/84 – D. O. E. 09/11/1884, na administração do Prefeito Sr. Jorge Maia, sendo mantida pela prefeitura Municipal de Apucarana, situa-se na Rua Nelson Miquelão. S/Nº, no Distrito de Caixa de São Pedro no Município de Apucarana, estado do Paraná.

É importante ressaltar que anteriormente a Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azedo era chamada de Grupo Escolar São Pedro. Esta foi

demolida, pois de acordo com relatos da atual diretora, era um prédio de madeira muito velho, portanto foi vista a necessidade da construção de um novo prédio, esta surgiu com o novo nome e foi construída no local da antiga escola a quadra de esporte, da escola atual. Destacamos aqui que não encontramos até o presente momento documentos referentes a abertura ou fechamento Grupo Escolar São Pedro, porém temos fontes que comprovam seu funcionamento, como boletins, histórico escolar e ata escolar.

Figura 3: Fachada Escola Municipal Wilson de Azevedo (1981)

Fonte: Arquivo da Escola M. do C. P. Wilson de Azevedo (s. d.)

Figura 4: Fachada Escola Municipal Do Campo Professor Wilson de Azevedo (2019)

Fonte: Autoras do Trabalho (2022)

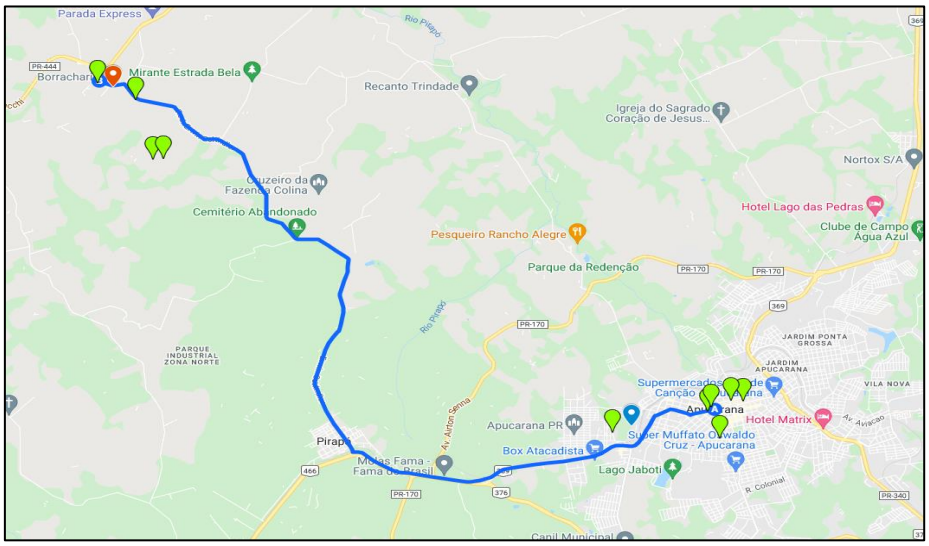
A figura 3 apresenta a fachada da Escola no ano de 1981 onde ela passou por reforma no ano 2019. É possível observar na figura 4 a fachada nova, o prédio manteve sua estrutura original preservada, ganhou pintura com as cores em azul, branco e vermelho, que representam as cores da bandeira do Município.

Figura 5: Quadra da Escola

Fonte: Autoras do Trabalho **(**2022**)**.

A figura 5 nos apresenta a quadra de esporte que pertence a Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo, ela foi construída no local onde se localizava o Grupo Escolar São Pedro, ressaltamos aqui a qual fica localizada fora da unidade escolar em frente à Igreja matriz.

Figura 6: Localização da Escola no Mapa



Fonte: Autoras do Trabalho (2022).

Na figura 6, é possível observar no mapa destacado em vermelho, o local onde se localiza a Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo no Distrido Caixa de São Pedro, no Município de Apucarana-PR.

5.2 Origem do nome da instituição

Figura 7: Patrono da Escola

Fonte: Arquivo da Escola M. do C. P. Wilson de Azevedo (s. d.)

De acordo com o Projeto político pedagógico da escola (P.P.P.), o nome surgiu em homenagem a um ex-aluno e professor Wilson de Azevedo, que nasceu no dia 31 de agosto de 1953, no sítio Porteira Preta natural do Distrito de Caixa de São Pedro, de nacionalidade brasileira, filho do senhor Lorival de Azevedo e Francisca Gonçalves de Azevedo, naturais de Ibitinga, estado do Espirito Santo. O professor Wilson de Azevedo tinha formação no magistério e almejava se tornar docente, aspirava poder frequentar uma faculdade para dar sequência em sua carreira como professor de nível superior.

Todavia, seu sonho foi interrompido aos dezesseis anos, quando começou a apresentar problemas de saúde, vindo a falecer aos vinte e dois anos de idade no dia 18 de setembro de 1974. Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) em 01 de julho de 2013, foi feita a correção do nome da escola por meio da Resolução 2.640 acrescentando o termo de professor, portanto a escola Wilson de Azevedo passou a ser chamada de Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo. A escola teve o apoio de toda a comunidade para a mudança de nome.

Quadro 5 – Caracterização do atendimento da instituição

Constituição das turmas	Número de turmas	Números dealunos	Turno	Seriação	Ciclo
Pré 2	01	12	Integral	-	X
Ano 1º	01	12	Integral	-	X
Ano 2º	01	13	Integral	-	X
Ano 3º	01	06	Integral	-	X
Ano 4º	01	13	Integral	X	-
Ano 5º	01	10	Integral	X	-

Fonte: P.P.P da Escola M. Do C. P. Wilson de Azevedo (2018).

De acordo com o P.P.P., o quadro caracteriza o atendimento escolar, nos mostra a quantidade de alunos frequentes no ano letivo 2018, da escola, desde Pré 2 ano ao 5º todas as séries eram formadas por uma única turma, e todas as turmas

realizavam o atendimento integral. O pré 2 tinha um total de 12 alunos, 1º ano, 12 alunos, o 2º ano, 13 alunos, o 3º ano, 6 alunos, o 4º ano, 13 alunos, e por fim o 5º ano, tinha 10 alunos.

Quadro 6 – Estrutura física da Instituição

Dependência	Quantidade	M²
Área livre de circulação	-	07,90 m²
Área coberta	-	6,70 m²
Pátio coberto	**1**	83 m²
Área construída	-	24,06m²
Sala de aula	**5**	
Sala direção	**1**	
Sala da coordenação	**1**	
Sala Secretaria	**1**	
Sala dos Professores	**1**	
Cozinha	**1**	
Dispensa	**1**	
Refeitório	**1**	
Biblioteca	**1**	
Almoxarifado	**1**	
Banheiro masculino	**1**	
Banheiro Feminino	**1**	
Banheiro deficiente	**1**	
Banheiro Funcionários	**1**	
Deposito de Gás	**1**	
Rampa de acessibilidade	**1**	
Iluminação Publica	**1**	

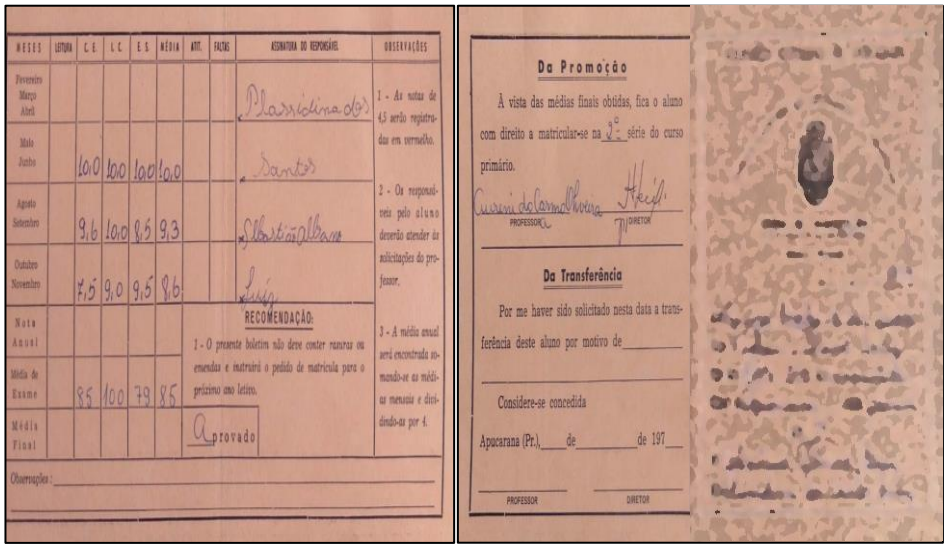
Fonte: P. P. P. da Escola M. do C. P. Wilson de Azevedo (2018).

Segundo P.P.P, o quadro 7 nos apresenta a infra-estrutura da escola, onde foi realizado um levantamento da estrutura física no ano de 2018, vale ressaltar que o desenvolvimento da estrutura física ocorre conforme o desenvolvimento da região e suas necessidades.

5.3 Fontes Documentais

Portamos acesso de alguns documentos da escola, tanto antigos como atuais, dentre eles boletins, livros Ata, e fotos que foram analisados e comparados conforme o ano letivo. Consta nos boletins analisados, referente aos anos de 1975 a 1976, as seguintes disciplinas que se refere ao currículo pertinente ao ano, comunicação e expressão, iniciação a ciências e integração social – as matérias que apresentam notas no respectivo boletim. É importante ressaltar que as médias abaixo de 4,5 eram consideradas baixas.

Figura 8: Boletim Ano 1975



MESES	LEITURA	C.E.	L.C.	E.S.	MÉDIA	ANT.	FALTAS	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL	OBSERVAÇÕES
Fevereiro Março Abril								Florisdina dos Santos	1 - As notas de 4,5 serão registradas em vermelho.
Maio Junho		10,0	10,0	10,0	10,0			Santos	2 - Os responsáveis pelo aluno deverão atender às solicitações do professor.
Agosto Setembro		9,6	10,0	9,5	9,3			Sebastião Alves	
Outubro Novembro		7,5	9,0	9,5	9,6			Luiz	3 - A média anual será encontrada somando-se as médias mensais e dividindo-as por 4.
Nota Anual								RECOMENDAÇÃO: 1 - O presente boletim não deve conter rasuras ou emendas e matriará o pedido de matrícula para o próximo ano letivo.	
Média de Exame		85	100	79	85				
Média Final								Aprovado	

Observações: _____

Da Promoção

À vista das médias finais obtidas, fica o aluno com direito a matricular-se na 3ª série do curso primário.

Cursina do Carmo Oliveira — PROFESSOR Heif — DIRETOR

Da Transferência

Por me haver sido solicitado nesta data a transferência deste aluno por motivo de _____

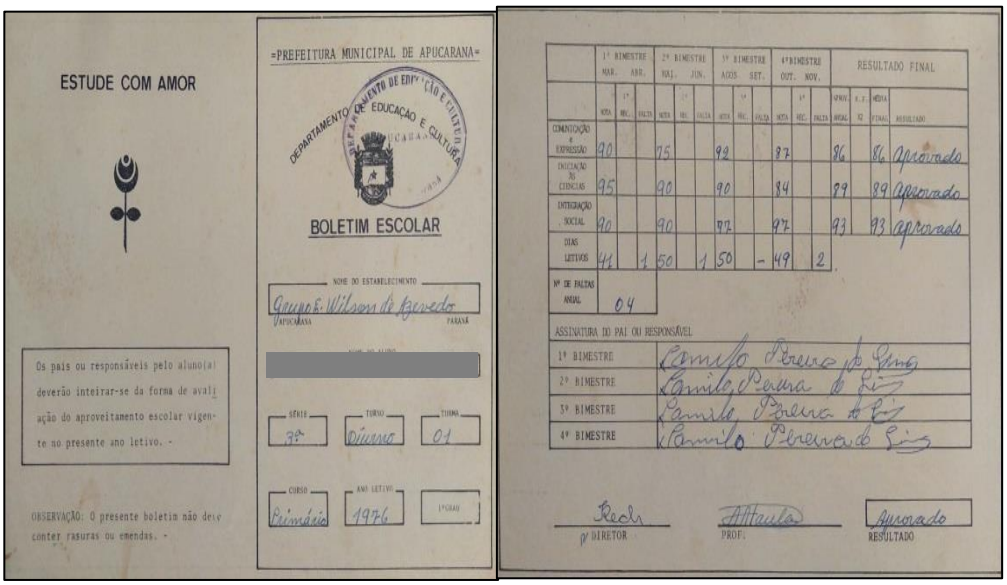
Considere-se concedida

Apucarana (Pr.), ____ de _____ de 197__

PROFESSOR DIRETOR

Fonte: Arquivo da Escola M. Do Campo P. Wilson de Azevedo (1976)

Figura 9: Boletim Ano 1976



ESTUDE COM AMOR

Os pais ou responsáveis pelo aluno(a) deverão inteirar-se da forma de avaliação do aproveitamento escolar vigente no presente ano letivo. -

OBSERVAÇÃO: O presente boletim não deve conter rasuras ou emendas. -

=PREFEITURA MUNICIPAL DE APUCARANA=

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

BOLETIM ESCOLAR

NOME DO ESTABELECIMENTO: Grupo E. Wilson de Azevedo

APUCARANA PARANÁ

[redacted]

SÉRIE: 3ª | TURNO: Diurno | TURMA: 01

CURSO: Primário | ANO LETIVO: 1976 | 1º GRAU

	1º BIMESTRE MAR. ABR.			2º BIMESTRE MAI. JUN.			3º BIMESTRE AGOS. SET.			4º BIMESTRE OUT. NOV.			RESULTADO FINAL			
	NOTA	1ª REC.	FALTA	NOTA	1ª REC.	FALTA	NOTA	1ª REC.	FALTA	NOTA	1ª REC.	FALTA	APROV. ANUAL	R.F. 1/2	MÉDIA FINAL	RESULTADO
COMUNICAÇÃO e EXPRESSÃO	90			75			92			87			86		86	Aprovado
INICIAÇÃO ÀS CIÊNCIAS	95			90			90			84			89		89	Aprovado
INTEGRAÇÃO SOCIAL	90			90			92			97			93		93	aprovado
DIAS LETIVOS	41		1	50		1	50		-	49		2				
Nº DE FALTAS ANUAL	04															

ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL

1º BIMESTRE: Camilo Pereira de Lima

2º BIMESTRE: Camilo Pereira de Lima

3º BIMESTRE: Camilo Pereira de Lima

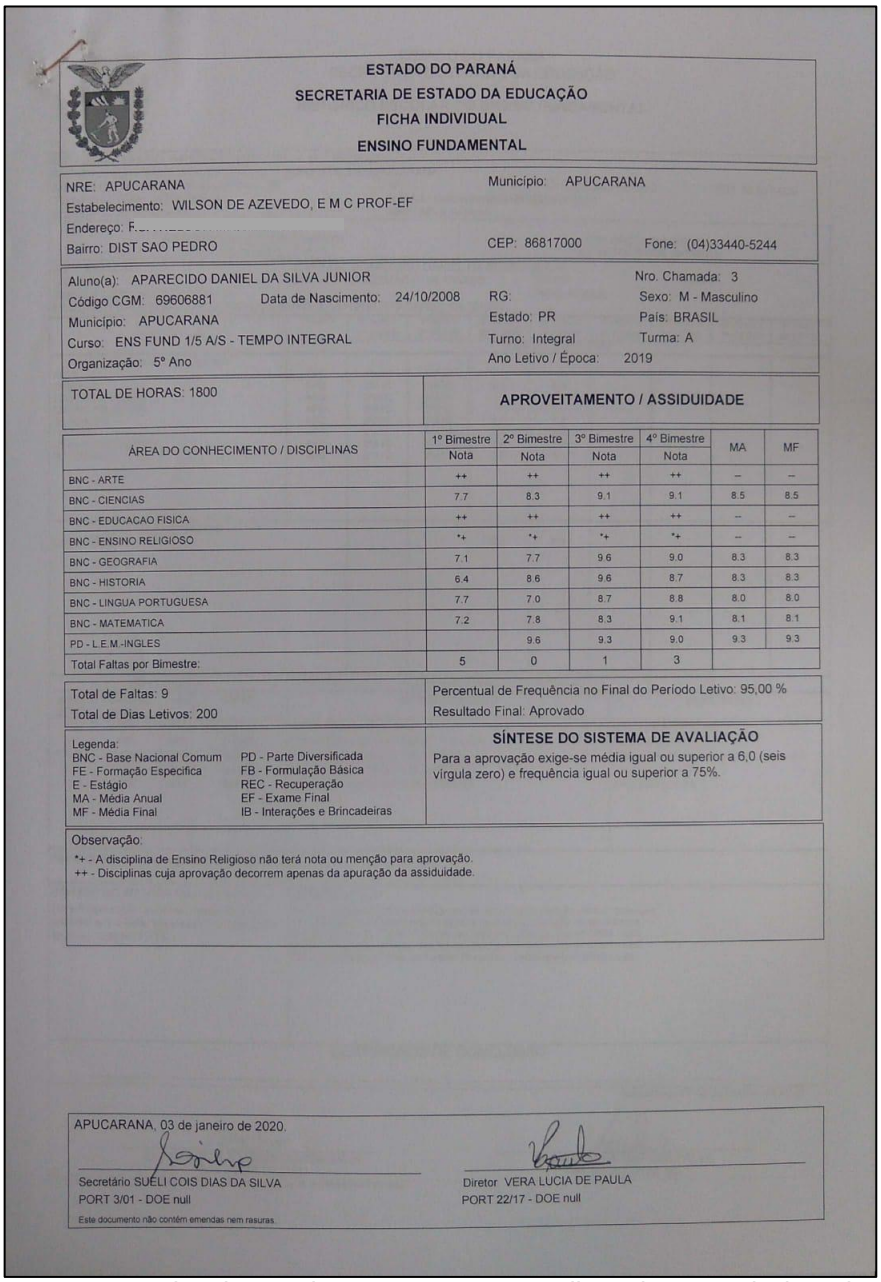
4º BIMESTRE: Camilo Pereira de Lima

p/ DIRETOR | PROF. | Aprovado RESULTADO

Fonte: Arquivo da Escola M. Do Campo P. Wilson de Azevedo (1976).

Entretanto, consta no boletim referente ao ano 2019, disciplinas as quais o currículo pede que sejam ofertadas, na turma da 5ª série que são: Artes, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Educação Física, Ensino Religioso, as quais não possuem atribuição a nota. Constatamos uma grande mudança nos boletins anteriores, tanto nas disciplinas aplicadas quanto na média que nos dias de hoje as notas abaixo de 6,0 são consideradas vermelhas. Além da estrutura dos boletins que nos anos de 1975 e 1976 eram em formato de cartirinha com um papel de espessura mais grossa, datilografado e preenchidos mão, o boletim de 2019 é todo digitado em papel sulfite A4.

Figura 10: Boletim Ano 2019



ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
FICHA INDIVIDUAL
ENSINO FUNDAMENTAL

NRE: APUCARANA
Município: APUCARANA
Estabelecimento: WILSON DE AZEVEDO, E M C PROF-EF
Endereço: F.
Bairro: DIST SAO PEDRO
CEP: 86817000
Fone: (04)33440-5244

Aluno(a): APARECIDO DANIEL DA SILVA JUNIOR
Nro. Chamada: 3
Código CGM: 69606881
Data de Nascimento: 24/10/2008
RG:
Sexo: M - Masculino
Município: APUCARANA
Estado: PR
País: BRASIL
Curso: ENS FUND 1/5 A/S - TEMPO INTEGRAL
Turno: Integral
Turma: A
Organização: 5º Ano
Ano Letivo / Época: 2019

TOTAL DE HORAS: 1800

APROVEITAMENTO / ASSIDUIDADE

ÁREA DO CONHECIMENTO / DISCIPLINAS	1º Bimestre Nota	2º Bimestre Nota	3º Bimestre Nota	4º Bimestre Nota	MA	MF
BNC - ARTE	++	++	++	++	--	--
BNC - CIENCIAS	7.7	8.3	9.1	9.1	8.5	8.5
BNC - EDUCACAO FISICA	++	++	++	++	--	--
BNC - ENSINO RELIGIOSO	*+	*+	*+	*+	--	--
BNC - GEOGRAFIA	7.1	7.7	9.6	9.0	8.3	8.3
BNC - HISTORIA	6.4	8.6	9.6	8.7	8.3	8.3
BNC - LINGUA PORTUGUESA	7.7	7.0	8.7	8.8	8.0	8.0
BNC - MATEMATICA	7.2	7.8	8.3	9.1	8.1	8.1
PD - L.E.M.-INGLES		9.6	9.3	9.0	9.3	9.3
Total Faltas por Bimestre:	5	0	1	3		

Total de Faltas: 9
Total de Dias Letivos: 200

Percentual de Frequência no Final do Período Letivo: 95,00 %
Resultado Final: Aprovado

Legenda:
BNC - Base Nacional Comum
FE - Formação Especifica
E - Estágio
MA - Média Anual
MF - Média Final
PD - Parte Diversificada
FB - Formulação Básica
REC - Recuperação
EF - Exame Final
IB - Interações e Brincadeiras

SÍNTESE DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO
Para a aprovação exige-se média igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) e frequência igual ou superior a 75%.

Observação:
*+ - A disciplina de Ensino Religioso não terá nota ou menção para aprovação.
++ - Disciplinas cuja aprovação decorrem apenas da apuração da assiduidade.

APUCARANA, 03 de janeiro de 2020.

Secretário SUELI COIS DIAS DA SILVA
PORT 3/01 - DOE null

Diretor VERA LUCIA DE PAULA
PORT 22/17 - DOE null

Este documento não contém emendas nem rasuras.

Fonte: Arquivo da Escola M. Do Campo P. Wilson de Azevedo (2019).

Figura 11: Desfile da Escola

Fonte: Arquivo da Escola M. Do Campo P. Wilson de Azevedo (1979/1980)

A figura 11 são fotos de ex-alunos, nos anos de 1979 e 1980, em homenagem a Pátria, em que participaram do desfile os alunos das 1ª à 8ª séries, foram assistidos pelas autoridades civis e escolástica juntamente com os professores.

5.4 A fotografia como fonte de pesquisa

Conforme Sônego (2010), a falta de registros escritos não poderia significar a ausência de possibilidade de escrita da História. Assim, o documento em seu sentido mais amplo, o novo documento alargado para além dos textos tradicionais, deve ser tratado como documento/monumento, isto é, nessa renovada visão, tudo o que está relacionado ao homem pode ser utilizado como fonte da História, segundo Le Goff (2013).

O autor afirma que dessa forma, a multiplicação de documentos, especialmente a fotografia, evidenciou a necessidade de se estudar o significado e o conteúdo cultural desse material. Sendo assim, para Sônego (2010), a fotografia deixou de ser mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o status de documento, matéria-prima fundamental na produção do conhecimento sobre determinados períodos da História, acontecimentos e grupos sociais. Para complementar este pensamento:

> […] assim, a fotografia pode ser usada como fonte histórica se a tomarmos como um fragmento de realidade, um aspecto do passado, em que a decisão de registro e de fixação de um certo dado foi uma opção do autor. Dessa forma, faz-se necessário levantar os diversos aspectos contidos na fotografia e sua contextualização, perceber os conteúdos subjacentes e os motivos para seu registro. O saber como, por que e para que algumas imagens foram construídas pode alterar todo o seu sentido. Da mesma forma que, ao descobrir sua autoria, pode-se desvendar a visão de mundo do autor ou da agência produtora, permitindo uma leitura crítica. (SÔNEGO, 2010, p. 120).

As imagens fotográficas permitem conhecer aspectos significativos da memória coletiva, indo muito além de meras descrições e trazem expressões vividas em outros tempos. Assim, retratam a História Visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos e atores sociais, permitindo aprofundar o conhecimento da cultura material, expressa na arquitetura, nas cidades e nos objetos (SÔNEGO, 2010).

Segundo Albuquerque e Klein (1987), reforçam a preocupação com a utilização da fotografia como fonte histórica é recente, uma vez que, até há pouco tempo, a fotografia servia mais para ilustração (prova), ou seja, como forma de referendar uma afirmação textual. A autoras afirmam que sua função estava restrita ao papel de cristalizar a imagem de uma "verdade", já confirmada e subsidiada pelos textos escritos. Nesse sentido as autoras ressaltam que:

> ao sistematizar a reflexão sobre objeto e espaço muito contribui para o avanço metodológico da utilização da imagem como fonte histórica. "O sujeito, quando olha a fotografia, estabelece uma ponte entre aquele momento e o espaço que está na imagem e o momento que ele está vivendo. Como a distribuição dos objetos no espaço não é gratuita, tudo se posiciona no espaço, devendo serem levadas em consideração as relações entre os objetos. A orientação dos corpos também não é gratuita, eles traduzem orientações: linhas de autoridade, de subordinação, de hierarquia, de disciplina [...]. A explicação espacial da cultura, da política, das relações sociais pode ser percebida". (ALBUQUERQUE; KLEIN 1987 ,s.p.).

De acordo com Silva e Santos (2016), fotografia documental é aquela que se propõe ser um registro fiel de seu lugar e de seu tempo. "Um dos objetivos da fotografia documental está intimamente ligado ao fator social, capaz de construir

um testemunho acerca dos acontecimentos do mundo” segundo Silva e Santos, (2016). A respeito desta questão, Kossoy (2012, p. 47) afirma que:

> toda e qualquer fotografia, além de ser um resíduo do passado, também é um testemunho visual no qual se pode detectar, assim como ocorre nos documentos escritos, não apenas os elementos constitutivos que lhe deram origem do ponto de vista material. No que diz respeito à imagem fotográfica, uma série de dados poderão ser reveladores, jamais mencionados pela linguagem escrita da História.

No século XXI, vivemos num mundo em que impera o culto à imagem, tendo ela, pelo menos no dia a dia das pessoas, a preponderância sobre a palavra escrita. Torna-se assim, cada vez mais necessário inserir a fotografia como fonte de conhecimento histórico ressalta Macedo (2013). Desta forma compreendemos a fotografia como um valoroso instrumento de pesquisa, uma vez que as fotos nos possibilita interpretar o passado e analisar todo o contexto histórico e a cultura ao qual o sujeito está envolvido naquele momento.

5.5 Caderno de ex aluna do ano de 1990.

Ao analisarmos as fotos do caderno, observamos que as atividades eram preparadas pela professora e passadas de forma manuscrita, também se utilizava de carimbos além do material produzido no papel estêncil, está era a forma de alfabetização da década de 1990. Também observamos traços da pedagogia tradicional, consta em anexos uma ficha de conteúdo programático do ano de 1990, onde é possível observar que as atividades trabalhadas eram com ênfase na leitura, cópia e ditado, desta forma a aprendizagem ocorria por meio da memorização.

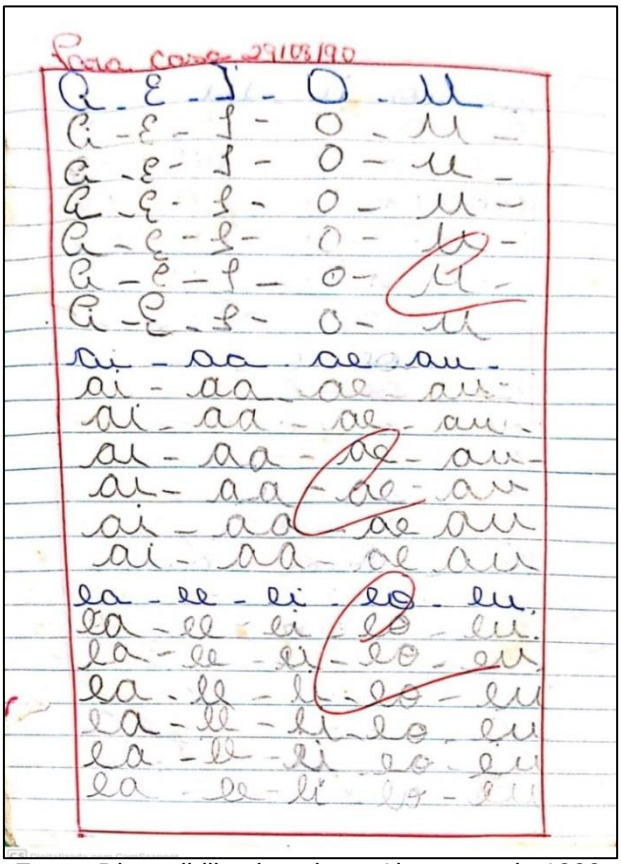
A respeito da alfabetização, vale ressaltar neste momento sobre os pensamentos de Freire (1987) que diz:

> [...] os alfabetizando partem de algumas poucas palavras, que lhe servem para gerar seu universo vocabular. Antes, porém, conscientizam o poder criador dessas palavras: são elas que geram o seu mundo. São significações que se constituem em comportamentos seus: portanto, significações do mundo, mas suas também. Assim, ao visualizarem a palavra escrita, em sua ambígua

> autonomia, já estão conscientes da dignidade de que ela é portadora – a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a recontrução da crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra. (FREIRE, 1987, p.20).

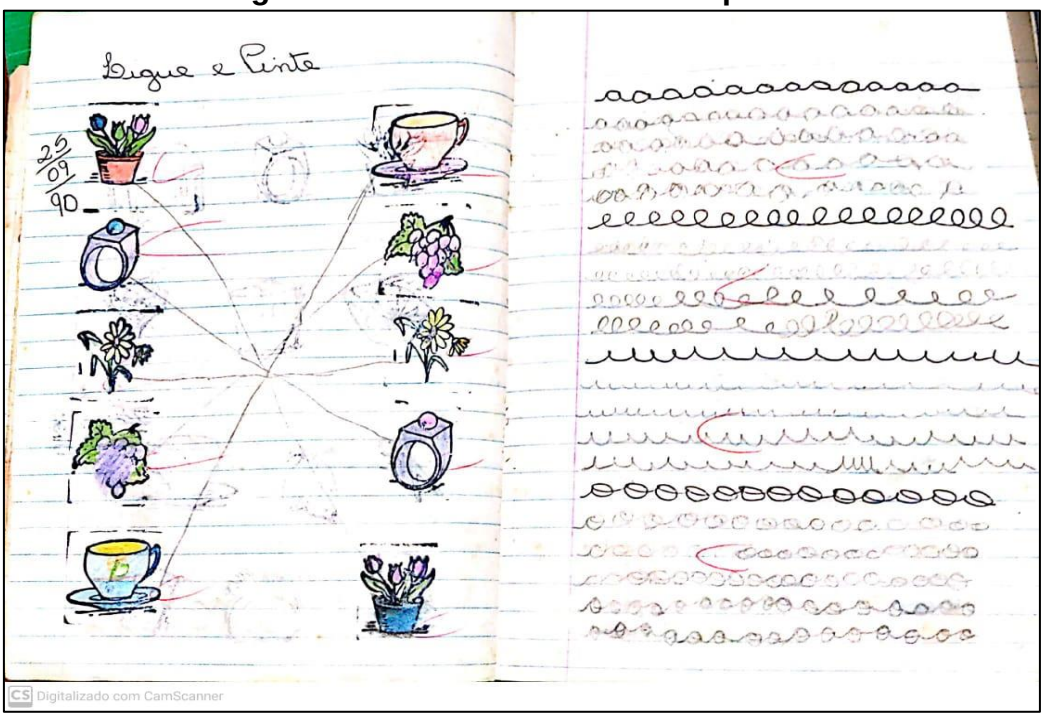
Sendo assim, compreendemos que no método de Paulo Freire, alfabetização ocorre por meio de pequenas palavras que fazem parte do cotidiano do educando, essas vão sendo decodificadas, levando o aluno a aquisição da palavra escrita, a partir de então, o indivíduo é capaz de compreender o mundo.

Figura 12 – Caderno de Atividade da ex aluna



Fonte: Disponibilizado pela ex Aluna ano de 1990.

Figura 13 atividades da ex aluna parte 2



Fonte: Disponibilizado pela ex aluna de 1990.

O caderno é do ano de 1990, pertence a uma ex aluna da Escola Municipal do campo Professor Wilson de Azevedo, a aluna se encontrava na etapa do Pré - Escolar. Ao contemplar as atividades escolares identificamos que as atividades eram passadas com o objetivo de trabalhar a coordenação motora fina, que são nítidas na maioria das atividades. Observamos que as correções das atividades eram feitas pela professora com caneta na cor vermelha.

Para fundamentar sobre a coordenação motora fina, nos baseamos em Andrade et. al. (2017) que abordam sobre o assunto e ressaltam que:

> […] a coordenação fina trabalha os pequenos músculos realizando movimentos coordenados e exercícios refinados, ela desenvolve a capacidade de pegar diferentes objetos de várias maneiras, além de auxiliar na aquisição e no aprendizado da linguagem escrita, como por exemplo, movimentos de pinça, exercícios com nós simples, dobraduras ou abotoar botões (ANDRADE; BARBOSA; BESSA 2017 p. 4).

Sendo assim, compreendemos a importância de se trabalhar a coordenação motora fina, como uma forma facilitadora da aprendizagem, onde o aluno começa com pequenos movimentos chegando na prática da escrita.

5.6 Instâncias Colegiadas

As instâncias colegiadas são formadas pelo Conselho Escolar, Conselho de Classe, (APMF) Associação de Pais, Mestres e Funcionários e o Grêmio Estudantil. Sendo assim, Candido (2010) ressalta que:

> Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/9394/96) que garante, entre outros, a gestão democrática na escola, a educação brasileira conquista o direito de, efetivamente, refletir a necessidade e a importância da participação consciente dos diretores, pais, alunos, professores e funcionários com relação às decisões a serem tomadas no cotidiano escolar, na busca de um compromisso coletivo com resultados educacionais mais significativos. (CANDIDO, 2010. p. 3).

Antunes (2002) afirma que é preciso ter clareza, no entanto, que o essencial é compreender que não é necessário que todos façam tudo, mas que todos decidam juntos com base na discussão coletiva praticando-a e vivenciando. Então esta ai o interesse em discutir a participação de todos os envolvidos no processo, participação esta que constrói a gestão democrática. Nas palavras de Aquino (1998) compreende-se que:

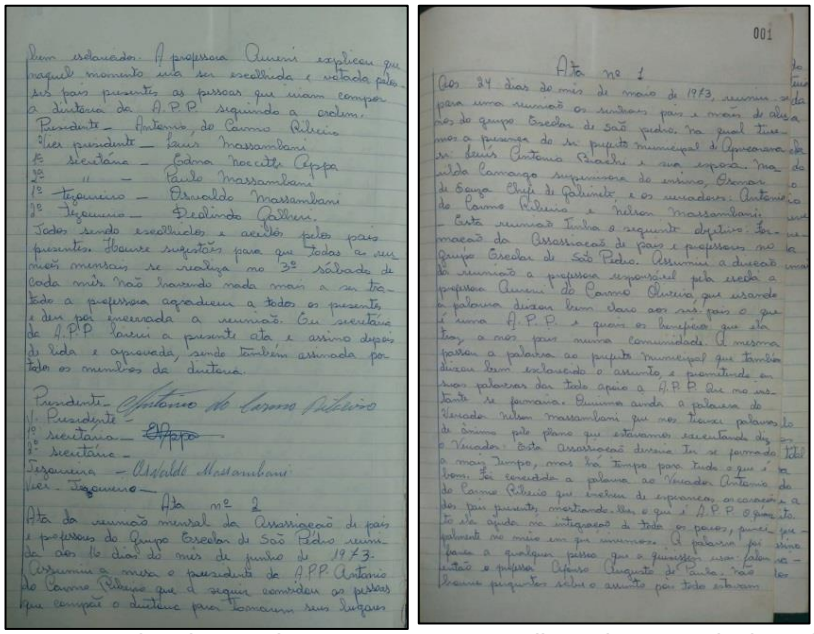
> Democracia é então o respeito à diversidade, a liberdade, a igualdade, a transparência, solidariedade e a participação sendo indispensável para a compreensão e construção da gestão democrática onde todos possam falar das questões que lhe parecem pertinentes para melhorar o trabalho e a convivência escolar propiciando momentos de diálogos,negociações,encaminhamentos de soluções de conflitos cotidianos (AQUINO, 1998, p. 157).

As escolas com Instâncias Colegiadas vivenciam a Gestão Democratica, são organizações compostas por representantes de todos os segmentos da comunidade com o objetivo de auxiliar o diretor na função de Gestor Escolar, nas decisões e encaminhamentos para solucionar os problemas do cotidiano da escola, mas tendo

como objetivo principal a busca pela melhoria da qualidade no processo ensino e aprendizagem.

De acordo com Projeto Político Pedagógico, a Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo possui o conselho Escolar a Associação de Pais Mestres e Funcionários.

Figura 14: Ata do Grupo São Pedro 1973



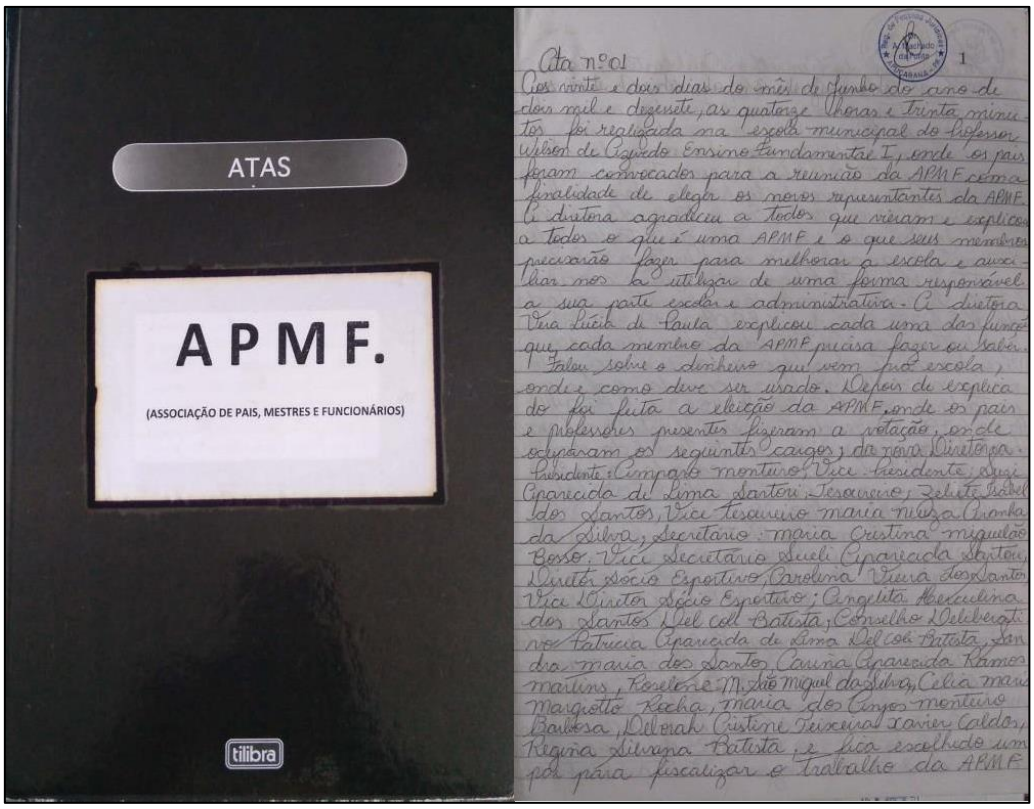
Fonte: Arquivo da Escola M. Do Campo P. Wilson de Azevedo (1973)

A figura 14 é referente a Ata da Escola do ano de 1973 que pertencia ao Grupo Escolar São Pedro. No dia 24 de maio, reuniram-se os Senhores Pais dos alunos do Grupo Escolar São Pedro. Estavam presentes o Senhor Prefeito do Município de Apucarana, Luís Antônio Biachi, e sua esposa e supervisora de ensino, Marilda Camargo, além dos vereadores, Antônio do Carmo Pinheiro e Nelson Masambani.

Está reunião tinha como objetivo a formação da Associação de Pais e Professores (APP). Assumiu a direção a professora Aureni do Carmo de Oliveira, em que ela esclareceu aos pais o que é a APP, passando a palavra para o prefeito que também abordou sobre o assunto. A professora retomou a palavra dizendo que naquele momento aconteceria a votação para a escolha da equipe que formaria a APP.

Seguindo a ordem, ficou decido como presidente Antônio do Carmo Ribeiro, Vice Luís Massambani, como 1ª secretária Edna Appa, 2º secretário Paulo Massambani, 1º tesoureiro Osvaldo Massambani e 2º tesoureiro Deolindo Galheri. Todos foram escolhidos e aceitos pelos pais presentes.

Figura 15: Ata da Escola M. do C. P. Wilson de Azevedo 2017



Fonte: Arquivo da Escola Municipal do campo P. Wilson de Azevedo (2017)

Por meio da figura 15, temos o relatório da Ata do ano de 2017, onde no dia 2 de maio de 2017 foi realizada uma reunião na Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo a fim de eleger os novos representantes da Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF). A diretora, Vera Lúcia de Paula, iniciou a reunião agradecendo a todos pela presença, fez uma apresentação do que é um APMF e o que é necessáriofazer para a melhoria da escola.

A diretora explicou a função de cada membro, relatou sobre o dinheiro que vem para a escola e onde e como deverá ser utilizado. Foi realizada uma votação, participaram pais e professores presentes que ficou decidido para os seguintes

cargos como presidente Amparo Monteiro, vice Suzi Apª de Lima Sartori, tesoureira Maria Nilza Aranha,secretária Maria Cristina Miquelão Bosso.

Figura 16: Festa organizada pela APMF 2015

INFORMATIVO DA ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO PROF. WILSON DE AZEVEDO | Apucarana/Dezembro/2015. Edição nº 001 | 8

FIRST ENGLISH FESTIVAL

Foi realizado nos dias 5 e 6 de Outubro o "FIRST ENGLISH FESTIVAL" (primeiro festival de Inglês) no Cine Teatro Fênix. Todas as escolas da rede municipal de educação participaram. Cada escola desenvolveu suas atividades na disciplina de Língua Inglesa voltada para o evento. Os alunos das escolas do Campo Padre Antônio Vieira e Professor Wilson de Azevedo não ficaram de fora. Durante o trimestre ocorreram ensaios, com isso ampliaram o seu vocabulário e desenvolveram a prática da língua. Foi possível desenvolver uma amizade entre os alunos das duas escolas, sendo que foi promovido um ensaio geral na Escola Padre Antônio Vieira. As turmas envolvidas no festival foram: 9º e 3º anos da Escola Padre Antônio e alunos do 8º, 9º, 7º e 4º anos da Escola Wilson de Azevedo. As músicas trabalhadas foram "Heal de Word" do "imortal" Michael Jackson, "Agnus Day" do incrível Michael Smith, "My Girl" dos lendários The Temptations e "Oh Happy Day" retirado do filme Mudança de Habito, o qual nos envolveu em sua história em muitas "Seções da Tarde" . Agradecemos à direção da Autarquia Municipal de Educação, aos professores, equipe pedagógica das escolas envolvidas, pais e principalmente aos alunos pelo envolvimento neste evento, que veio acrescentar um desenvolvimento cultural a todos.

II FESTA DO CAMPO

A segunda Festa do Campo foi organizada pela Associação de Pais, Mestres e Funcionários juntamente com a equipe diretiva e funcionários da Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo.

Funcionários da Escola

A Festa realizada no dia 15 de novembro teve muitas atrações dentre elas músicas ao vivo, bingo, concurso da Rainha do Campo, apresentações de danças, sorteios e muita comida saborosa.

Comunidade prestigiando a festa

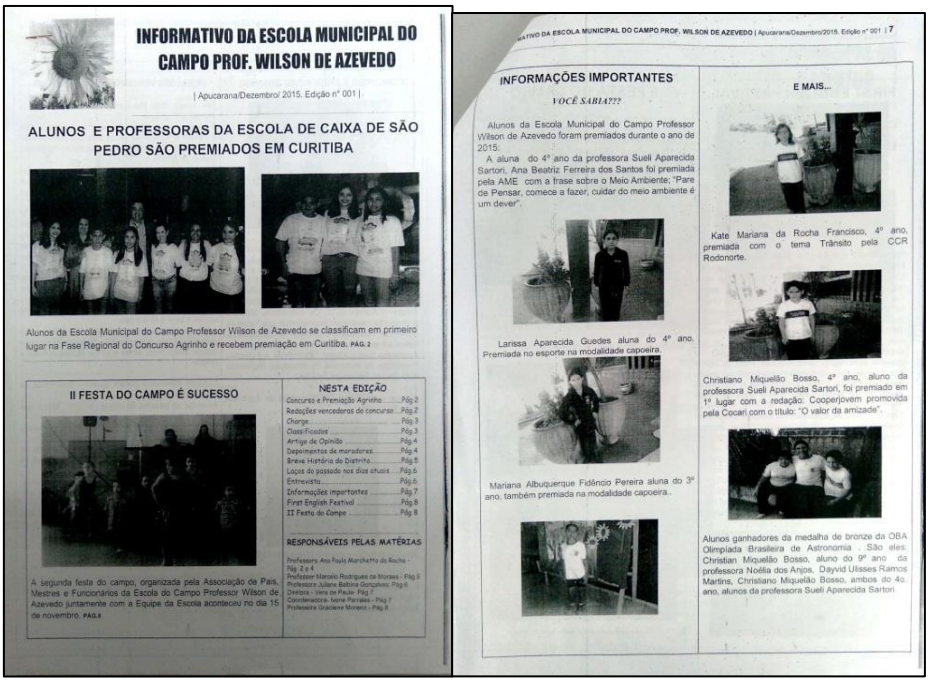
Alunos da Escola em apresentação de dança

Fonte: Arquivo da Escola M. Do Campo P. Wilson de Azevedo (2015)

A figura 16 apresenta uma festa organizada pela APMF da Escola no dia 15 de novembro de 2015 com o título de “Festa do Campo” que é possível observar a dedicação da APMF para com a escola, a relevância desta instância para a

instituição. Este tipo atividade é relevante para a instituição pois, é uma prática que fortalecer os laços entre escola, alunos e a comunidade.

Figura 17 - Premiações recebidas por meio de projetos 2015



INFORMATIVO DA ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO PROF. WILSON DE AZEVEDO

| Apucarana/Dezembro/ 2015. Edição nº 001 |

ALUNOS E PROFESSORAS DA ESCOLA DE CAIXA DE SÃO PEDRO SÃO PREMIADOS EM CURITIBA

Alunos da Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo se classificam em primeiro lugar na Fase Regional do Concurso Agrinho e recebem premiação em Curitiba. PAG. 2

II FESTA DO CAMPO É SUCESSO

A segunda festa do campo, organizada pela Associação de Pais, Mestres e Funcionários da Escola do Campo Professor Wilson de Azevedo juntamente com a Equipe da Escola aconteceu no dia 15 de novembro. PAG.8

NESTA EDIÇÃO

Concurso e Premiação Agrinho.....Pág.2
Redações vencedoras do concurso...Pág.2
Charge.....Pág.3
Classificados.....Pág.3
Artigo de Opinião.....Pág.4
Depoimentos de moradores.....Pág.4
Breve História do Distrito.....Pág.5
Laços do passado nos dias atuais.....Pág.6
Entrevista.....Pág.6
Informações importantes.....Pág.7
First English Festival.....Pág.8
II Festa do Campo.....Pág.8

RESPONSÁVEIS PELAS MATÉRIAS

Professora Ana Paula Marchetto da Rocha - Pág. 2 e 4
Professor Marcelo Rodrigues de Moraes - Pág.5
Professora Juliane Babina Gonçalves: Pág.6
Diretora - Vera de Paula- Pág.7
Coordenadora- Ivone Ferreira - Pág.7
Professora Graciane Moreno - Pág.8

...ATIVO DA ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO PROF. WILSON DE AZEVEDO | Apucarana/Dezembro/2015. Edição nº 001 | 7

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

VOCÊ SABIA???

Alunos da Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo foram premiados durante o ano de 2015:

A aluna do 4º ano da professora Sueli Aparecida Sartori, Ana Beatriz Ferreira dos Santos foi premiada pela AME com a frase sobre o Meio Ambiente; "Pare de Pensar, comece a fazer, cuidar do meio ambiente é um dever".

Larissa Aparecida Guedes aluna do 4º ano. Premiada no esporte na modalidade capoeira.

Mariana Albuquerque Fidêncio Pereira aluna do 3º ano, também premiada na modalidade capoeira..

E MAIS...

Kate Mariana da Rocha Francisco, 4º ano, premiada com o tema Trânsito pela CCR Rodonorte.

Christiano Miquelão Bosso, 4º ano, aluno da professora Sueli Aparecida Sartori, foi premiado em 1º lugar com a redação: Cooperjovem promovida pela Cocari com o título: "O valor da amizade".

Alunos ganhadores da medalha de bronze da OBA Olimpíada Brasileira de Astronomia . São eles: Christian Miquelão Bosso, aluno do 9º ano da professora Noélia dos Anjos, Dayvid Ulisses Ramos Martins, Christiano Miquelão Bosso, ambos do 4o. ano, alunos da professora Sueli Aparecida Sartori.

Fonte: Arquivo da Escola M. Do Campo P. Wilson de Azevedo (2015)

A Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo, além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, contempla sua grade curricular com uma programação diversificada como música, artes marciais e dança. Os alunos também participam de projetos como Projeto Escola no Campo, Projeto Proerd, Pojeto Agrinho que inclusive trouxe premiações a escola no ano de 2015.

A figura 18 apresenta um espaço fora da instituição, em que os professores juntamente aos alunos realizaram o projeto horta. Por meio desse projeto, a escola pode proporcionar um melhor preparo da merenda, que fica enriquecida com alimentos cultivados na própria escola. Portanto, percebe-se a importância do cuidado com o meio ambiente, assegurado na Constituição Federal (CF) no art. 255 define que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988).

Figura 18: Horta na Escola 1979

Fonte: Arquivo da Escola M. Do Campo P. Wilson de Azevedo (1979)

Relacionada à questão da horta, a BNCC (2017) propõe que, no campo, experiência espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: “(EI02ET03) compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.” O Referencial Curricular do Paraná (RPC) aponta a relevância das hortas em ambiente escolar, no quadro da organização curricular, onde a criança aprende sobre os seres vivos, a transformação da natureza, se perceber como parte do ambiente, conhecer os animais e muitos outros (PARANÁ, 2018).

Compreendemos que trabalhar com o projeto horta na escola proporciona aprendizagens significativas para os alunos, relacionadas a alimentação saudável, ao cultivo dos alimentos entre outras. Também vale ressaltar que esta ação promove aulas mais atrativas, tira a criança da rotina da sala de aula, além de efetivar a socialização entre todos os envolvidos.

6. METODOLOGIA DA PESQUISA

6.1 Tipo de pesquisa

6.1.1 Pesquisa Qualitativa

Esta pesquisa é de cunho qualitativa descritiva, a qual tem por objetivo investigar a identidade histórica de uma Instituição Rural do Município de Apucarana-PR.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). De acordo com Soares (2020), a pesquisa qualitativa se expressa mais pelo desenvolvimento de conceitos a partir de fatos, ideias ou opiniões, e do entendimento indutivo e interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa.

A pesquisa qualitativa vai da descoberta à compreensão dos fatos no contexto cultural, pela interpretação dos fatos encontrados, extrapolando a quantificação das informações por meio da indução e argumentação e imprimindo as opiniões do pesquisador (SOARES, 2020). Nessa perspectiva Oliveira (2011), diz que a pesquisa qualitativa é entendida, por alguns autores, como uma “expressão genérica”. Isso significa, por um lado, que ela compreende atividades ou investigação que podem ser denominadas específicas.

6.1.2 Pesquisa descritiva

De acordo com Trivinños (1987) a pesquisa descritiva, como o próprio nome já diz, tem o objetivo de “descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”. As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a

descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2002).

Conforme Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Quando se diz que uma pesquisa é descritiva, está querendo dizer que se limita a uma descrição pura e simples de cada uma das variáveis, isoladamente, sem que sua associação ou interação com as demais sejam examinadas (CASTRO, 1976).

6.1.3 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na instituição Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo do Município de Apucarana – PR.

A Instituição se localiza na Rua: Nelson Miquelão,s/n.- Distrito de caixa de São Pedro.

6.1.4 Diagnóstico da Instituição de Ensino

A instituição faz o atendimento no período integral ao Pré II, Educação Infantil e Ensino fundamental anos iniciais, pois o Ensino Fundamental anos finais deixou de ser ofertado na instituição em 2017, após ser realizado o remanejamento do Ensino Fundamental anos finais para a Rede Estadual de Ensino. A escola atende 72 alunos.

A equipe escolar é formada por diretora, coordenadora e secretária,1 professora da educação infantil e 5 professores do Ensino Fundamental anos iniciais,2 cozinheiras e 2 serviços gerais. A escola é atendida por professores tercerizados de dança , kung fu e música.

6.2 Pesquisa Bibliográfica

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Embora, quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas Gil (2002). Conforme Souza, Oliveira e Alves (2021), os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. Os autores ainda ressaltam que:

> A pesquisa baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado. Na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, refletir e escrever o sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos. (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 66).

A pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. Lakatos e Marconi (2001). Conforme Moura (2015), a pesquisa bibliográfica é a etapa da investigação em que o pesquisador faz a busca dos referenciais teóricos pertinentes à questão-problema de seu estudo.

De acordo com Bocatto (2006), a pesquisa bibliográficabusca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Já Pizzani et. al. (2012) ressalta que:

> Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes. (PIZZANI; SILVA; BELLO; HAYASHI, 2012, p.54).

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica tem afinalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferencia seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. Para Koche (2011), na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando

sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação. O autor enfatiza que objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.(KOCHE, 2011).

6.3 Pesquisa Documental

Conforme Gil (2002), a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. O autor ainda ressalta que a pesquisa documental fale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa documental é a coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos; arquivos particulares de instituições e domicílios e fontes estatísticas.

Pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos,tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...] ressalta Pádua (1997) Nesta mesma linha de pensamento Gil (2010) diz que:

> [...] na pesquisa documental, como os dados sãoobtidos de maneira indireta, ou seja, por meio de livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos,filmes e vídeos, essas fontes documentais evitam desperdício de tempo e constrangimento, possibilitando obter quantidadee qualidade de dados suficiente para a realização pesquisa. Também ressalta que algumas pesquisas sociais somente seriam possíveis por meio da análise de documentos. O autor também apresenta como vantagens da pesquisa documental: possibilitar o conhecimento do passado; possibilita investigar processos de mudanças sociais e culturais; permite a obtenção de dados com menor custo e favorece a obtenção de dados sem constrangimento dos sujeitos. (GIL, 2010, p. 245).

Nas palavras de Silva et. al. (2009) a pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem

e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social. Pode-se dizer que a pesquisa documental é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenômeno. (KRIPIKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.(LAKATOS; MARCONI, 2003).

Esta pesquisa foi realizada com a investigação sobre a descrição da identidade histórica de uma Escola Rural do Município de Apucarana – Pr. Para a realização desta pesquisa, foi necessária uma análise de documentos antigos e atuais. O estudo obteve caráter essencialmente qualitativo descritivo, com ênfase no estudo bibliográfico e documental.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi estruturado abordando os conceitos de memória, identidade e a identidade histórica da Escola Municipal do Campo professor Wilson de Azevedo. Para a primeira etapa realizamos uma seleção de trabalhos realizados com a temática memória histórica e identidade histórica, que serviram de suporte para a fundamentação teórica. A pesquisa bibliográfica foi realizada em artigos, teses, dissertações, livros e *ebook*.

No desenvolvimento do trabalho, compreendemos que a memória e a história se entrelaçam na busca pela lembrança, se relacionam de tal forma que podemos dizer que não existe memória sem história. A respeito da identidade, chegamos ao seguinte entendimento de que a identidade e a história estão relacionadas, uma vez que o indivíduo reproduz aquilo que lhe é transmitido no meio histórico e social ao qual ele vive. Sendo assim, sua identidade vai sendo formada dia a dia, e aquilo que é hoje, amanhã pode não ser mais, pois ele vive em constante transformação.

Para a segunda etapa deste trabalho abordamos sobre a identidade histórica da Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica e documental ao qual foi possível recordar o passado da instituição de ensino. Foi um trabalho valoroso, pois possibilitou que a identidade e as lembranças da escola permaneçam vivas no futuro. Esse processo de resgate da identidade da escola é relevante, pois estende a possibilidade de compreender a História da Educação do Município de Apucarana.

Os resultados da pesquisa indicam a relevância da preservação dos documentos escolares, fotos, arquivos dentre outros, uma vez que eles foram fundamentais para a reconstrução da história da escola. Também evidenciam a importância de uma atenção para com a memória das instituições escolares visto que o ato de reviver a história de uma instituição escolar, possibilita o sujeito à constatação de sua própria história, onde constituiu seus sonhos e suas expectativas para o futuro, tornando assim a escola um espaço significativo em sua vida. Este trabalho promove possibilidades de estudos, serve como incentivo para novos questionamentos e consequentemente poderá contribuir para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marli. B. M., KLEIN, Lisebel. E. Pensando a Fotografia como Fonte Histórica. **Cadernos da Saúde Púbblica**. RJ.v. 3, p. 297-305, jul/set, 1987. Dispoível em: < https://doi.org/10.1590/S0102-311X1987000300008 > Acesso em: 23 de jan 2022

ANDRADE, Ana S. S. da; BARBOSA, Carla; BESSA, Sônia. **A Importância do Desenvolvimento da Coordenação Motora e Global Fina**. Anais do Congresso de Iniciação Científica Estágio e Docência do Campus Formosa Prática pedagógica e a formação docente: teoria e realidade 2017. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/ciced/article/view/10507> Acesso em: 02 de mar. 2021

ANTUNES, Ângela. **Aceita um conselho?** Como organizar o colegiado escolar. 2 ed. Instituto Paulo Freire São Paulo: Cortez, 2002.

AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceitos na escola:** alternativas teóricas e práticas .Säo Paulo: Summus ,1998.

BÔAS, Lúcia Villas. **História, Memória e representações Sociais: Por uma abordagem crítica e interdisciplinar**. Cadernos de Pesquisa. n. 156. p. 244-259,abr/Jun-2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143290> Acesso em: 10 abr. 2021

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. v. 18, n. 3, p. 265-274. São Paulo: **Rev. Odontol. Univ**., 2006. Disponível em: <https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf>. Acesso em: 6 de jun. 2021

BARION, Isabel Francisco de Oliveira. **Educação em Cambé**: História e Memória da Escola Bstislava (1934-1949) – Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, 2014. Dispinível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1419-1.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2021

BARROS, José D'Asunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. v. 3,n. 5. **Revista Mouseon,** 2019. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf>. Acesso em 15 ago. 2021

BOLONHEZI, Camilla Samira de Simoni. **A educação do campo como projeto político e prática social : o caso do Colégio Estadual do Campo Izaias Rafael da Silva**. 2017. 194 f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4621> Acesso em: 07 mai. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo.** Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. **Resolução N° 2,** Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. **Lei nº 4024/1961**, de 20 de dezembro de 1961 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1961.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Decreto N° 7.352**, Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de educação na Reforma Agraria** – PRONERA. Brasília: Senado Federal, 2010.

BRASIL. Parecer CNE/CEB 36/2001 - **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília: MEC, 2001.

CABRAL, Anne E. S. de. História, Memória e Identidade: aspectos metodológicos de pesquisa. **Revista GT2**. p.1-10, 2005.

CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. São Paulo: **Expressão Popular**, 2004.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTAJANO, P.; FRIGOTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: expressão popular, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/15087143/DICION%C3%81RIO_DA_EDUCA%C3%87%C3%83O_DO_CAMPO_PDF_1_> Acesso em: 20 nov. 2021

CANDIDO, Elisabete L. **As Instâncias Colegiadas Como Instrumento de Gestão Democrática**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/68372> Acesso em: 10 fev. 2022

CASTRO, C. M**. Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

DELGADO, Lucilia. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. Disponível em:

<https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62> Acesso em: 28 set. 2021

FARIA, Maria do Carmo carvalho. **As Transformações Históricas e a Dinâmica Atual da Paisagem da Bacia Hidrográfica do Ribeirão Iguaçu- Apucarana – PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, 2007. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2794>. Acesso em: 23 de mar. 2022

FARIA, Thais Bento. **Paraná, Território de " VocaçãoAgrícola"?! Interiorização do Cruso Normal Regional (1946-1968)**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Maringá , Maringá, 2017). Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/teses/2017/2017%20-%20Thais%20Bento%20Faria.pdf> Acesso em: 19 nov. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. n. 17, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. ed. Paz e Terra, São Paulo.n.33, 2002.

FREITAS,J. Miguel A de; PERUCELLI, Tatiane. **Cultura e identidade: compreendendo o processo e construção de conceito de identidade cultural**. Cadernos de Estudos Culturais. Campo Grande,MT,v.2,p.111- 133,jul/dez.-2019. Disponível em: < https://desafioonline.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9712 > Acesso em: 10 de agosto 2021

GARCIA, Bruna da Silva. **Memória, História:** Uma discussão teórica. VII Congresso Internacional de História. Universidade Federal do Rio Grande. p.1. 361-1. 371, out-2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1508.pdf>. Acesso em: 27 de mai. 2021

GIL, A.C**. Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.p. 176.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed., 3 reimpr., São Paulo: Atlas, 2010.

GERHARDT, Tatiana E. e SILVEIRA, Aline C. **Métodos de pesquisa**.Universidade Federal do Rio Grande do sul. Porto Alegre - RS. ed. UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Cultura, Mídia e Educação - **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n 2, p 15-46, jul./dez. 1997.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: **Vértice**, 1990.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**.Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em 5 nov. 2021

IZQUIERDO, I. Memórias . **Estudos Avançados**, *[S. l.]*, v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522. Acesso em: 15 outubro. 2021.

KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de Metodologia Científica : teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ**. Rev. Vozes**, 2011.p.185. Disponível em: <http://www.adm.ufrpe.br/sites/ww4.deinfo.ufrpe.br/files/Fundamentos_de_Metodologia_Cienti%CC%81fica.pdf> Acesso em: 19 de jun. 2021

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. Cotia, SP: Ateliê Editoral, 2012.

KRIPKA, Rosana; SCLHELLER, M; BONOTTO, D. L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa.**Rev. Investigação Qualitativa em Educação**. v.2, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>. Acesso em: 26 set. 2021

LARA, Camila de B. Q. **A Importância da Memória para a construção da Identidade: O caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada da Conceição de Dourados**.XIII Encontro Regional de História. nov-2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/51993741-A-importancia-da-memoria-para-a-construcao-da-identidade-o-caso-da-igreja-nossa-senhora-imaculada-conceicao-de-dourados-ms.html> Acesso em: 26 de abr. 2021

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. de. Fundamentos metodologia científica. 4.ed. São Paulo: **Atlas**, 2001.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. de. Fundamentos de metodologia científica. **Revista Atlas**, ed. 5, São Paulo, 2003.p.310

LE GOFF, Jacques. História e memória. 7. ed. Campinas/SP: **Editora da Unicamp**, 2013.

MACEDO, Felipe Augusto Passos. Minicurso sobre fotografia documental: “A fotografia não mente, os mentirosos, fotografam”, 2013.

MALDONADO, Sirley Biage. **HISTÓRIA DA ESCOLA PRIMÀRIA RURAL DE JANDAIA DO SUL-PR (1940-1980).** 131 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, PR, 2020.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In:. SANFELICE, José Luís, SAVIANI, Dermeval LOMBARDI, José Claudinei (Orgs.). **História da educação:** perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas, SP: Autores Associados; HISTERDBR,1999.

MAGALHÃES, Lívia D.R. História, Memória e a Educação: relações consensuais e contraditórias. **Revista Histerdbr on-line**, n. 67, p. 165-174, mar-2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8646116>. Acesso em: 12 de jun. 2021

MINAYO, Maria Cecília Souza de. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis. **Revista Vozes,** ed.18, 2001 Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf> Acesso em: 11 de dez. 2021

MOURA, Graziella R. S. **Manual de Metodologia Científica:** como desenvolver pesquisas e redigir trabalhos em cursos de graduação e pós-graduação. Faculdade de Tecnologia (FATEC) Bauru - SP,2015.p.39. Disponível em: <http://www.fatecbauru.edu.br/mtg/source/MANUAL%20DE%20METODOLOGIA%201.pdf> Acesso em: 27 de out. 2021

NASCIMENTO. Edja, S. da M. **Da Educação Rural a Educação do a Campo**: O protagonismo das professoras e o fechamento das escolas rurais na comunidade de São Roque – RN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/37890/2/Daeduca%C3%A7%C3%A3orural_Nascimento_2018.pdf> Acesso em: 25 nov. 2021

NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. **Revista Projeto História - História & Cultura**. São Paulo: Editora da PUC/SP. n 10, dezembro de 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 10 set. 2021

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Universidade Federal de Goiás. Catalão, p.72, 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf> Acesso em: 27 de ago. 2021

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de; CAMPOS, Marília. Educação Básica do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I.B.; ALENTAJANO, P.; FRIGOTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: expressão popular, 2012. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 26 de jul. 2021

OLIVINDO, Mário Sérgio Pereira de.**Ensino de História e Memória:usos do passado e os desafios da historiador e professor**.XXIX Simpósio Nacional de História. Mestrado(Pós- Graduação) Universidade Regional do Cariri-2001.

PÁDUA, E.M.M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1997.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial curricular do Paraná**: princípios, direitos e orientações. Curitiba, PR: SEED/PR, 2018.

PIZZANI, L. SILVA, R.C. da; BELLO, S.F; HAYASHI, M. C. P. I. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. Programa (pós-graduação). Universidade Federal de São Carlos – Campinas, v.10, n.1, jul – dez, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em 02 de dez. 2021

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola Municipal do Campo Professor Wilson de Azevedo**. Apucarana-PR, 2018.

RAGAZZINI, Dario. Os estudos histórico-educativos e a história da educação. In: SANFELICE, José Luís, SAVIANI, Dermeval e LOMBARDI, José Claudinei (Orgs.). **História da educação:perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTERDBR,1999.

RAMOS, Marise Nogueira; MOREIRA, Telma Maria; SANTOS, Clarice Aparecida dos (orgs). **Referências para Uma Política Nacional de Educação do Campo**: caderno de subsídios. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica: Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.

RICOUER, Paul. La mémoire, l'historie, l'oubli. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

ROSSATO, Geovanio; PRAXEDES, Walter. **Fundamentos da educação do campo: história, legislação, identidades camponesas e pedagogia**. São Paulo: Loyola, 2015.

SACCHELLI.Gabriela da Silva. **Educação rural no Município de Apucarana- PR (1940-1990): Espaços, instituição escolares e professores**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Maringá, São Paulo, 2019, p. 190. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2019/2019%20-%20Gabriela.pdf>. Acesso em: 26 out. de 2021

SANTOS, Polliana M. dos. Memória e Memória Histórica: categorias para a reflexão sobre o saber histórico. **Revista RBBA**. V. 4,n.1, p. 49-62, jul 1015.

SÁ- SILVA, J. R., ALMEIDA, C. D. de,; GUINDANI, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira De História &Amp; Ciências Sociais**, v.1 n.1, jan/jul 2009.
Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SILVA, Debora. A. SANTOS, Klinger Atuy do. Uso da Fotografia Documental como Fonte Histórica. **Revista Educação**. V.14, n.2. 2016. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/download/2334/1710>. Acesso em: 18 de jan. 2022

SILVA, Flavia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade identidade:concepções a partir da psicologia histórico cultural. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo,n.28.p.169-195,jan/jun-2009. Disponivel em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf>. Acesso em: 27 de jul. 2021

SILVA J., Altrogildo Fernandes da. BORGES N. Mário. Por uma Educação do Campo: percursos históricos e possibilidades. **Revista Entrelaçando**, n. 3 p. 45-60, nov 2011.

SILVA J., Astrogildo Fernandes. FONSECA, Selva Guimarães. O Ensino de História em escolas no meio rural brasileiro. **Ecos Revista Cientifica**, São Paulo, v. 12, n. 2 p. 469-486, jul/dez. 2010.

SOARES, Simaria Jesus de. Pesquisa Científica: Uma abordagem sobre o método qualitativo. ***Revista Ciranda***, v.*3*, n.1,p. 1–13, 2020.

SOUZA, Angélica S.; OLIVEIRA, Guilherme S.; ALVES, Laís H.de. A pesquisa bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

SCHELBUER, Analete.R. **Da Roça para a Escola: institucionalização e expansão das escolas primária rurais do Paraná**. Universidade Estadual de Maringá. Porto Alegre, RG- v.18, n.43. maio/ ago, p. 71-91, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/zxsqpLwdJz6XxGvvWGpbxqz/abstract/?lang=pt > Acesso em: 22 jul. 2021

SONEGO, M. J. F. A fotografia como Fonte Histórica. **Revista**. Ed. FURG, v.1, n.2, p. 113-120, 2010.

TORRES, Mirian; SIMÕES, Wilian. **Educação do Campo; por uma superação da educação rural no Brasil**. Universidade Federal do Paraná. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIERO, Janisse; MEDEIROS, Liziany M. Educação do campo: princípios e concepções do campo. **E-book. Princípios e Concepções da Educação do Campo**. Universidade Federal de Santa Maria. RS. 1. Ed, 2018.

WERLE, Flávio Obino. História da Instituições Escolares: de que se fala? In LOMBARDI, J. C; NASCIMENTO, M. I. M. **Fontes, História e Historigrafia da Educação.** Campinas, SP. Autores Associados: HISTDBR (PUC), (PALMAS PR), (UNICS), (UEPG), 2004, p. 13-26 (Coleção Memória da Educação).

WANDERLEY, Sonia. Memória, História e Ensino. **Revista Vozes em Diálogo,**n.4,jul/dez-2009.

ANEXOS

Figura 19: Listagem das Escolas Primárias Rurais parte 1

Nº	Escola Rural Municipal	Data de Início de Funcionamento	Data que a Escola foi Desativada
1	Nova Ucrânia	1941	1974
2	Marechal Deodoro da Fonseca	1953	1996
3	Pedro Álvares Cabral	1953	1996
4	Dr. Zacarias de G. e Vasconcelos	1954	1974
5	Julia Wanderley	1954	1975
6	Doutor Fernando Costa	1955	1983
7	Romário Martins	1955	1996
8	Carlos Gomes	1956	1996
9	José Bonifácio	1956	1996
10	José de Alencar	1956	Em funcionamento
11	Rui Barbosa	1956	1996
12	Ana Nery	1957	1996
13	Barão do Rio Branco	1957	1996
14	Benjamin Constant	1957	1996
15	Cardeal Sebastião Leme	1957	1996
16	Dom Pedro II	1957	1996
17	Duque de Caxias	1957	1996
18	Erasto Gardner	1957	1989
19	Getúlio Vargas	1957	1975
20	Líssimaco Ferreira da Costa	1957	1996
21	Manoel Ribas	1957	2002
22	Marechal Hermes da Fonseca	1957	1996
23	Nossa Senhora dos Navegantes	1957	1976
24	Osvaldo Cruz	1957	1996
25	Padre Antônio Vieira	1957	1984
26	Paulo Pimentel	1957	1996
27	Princesa Izabel	1957	1974
28	São José	1957	1960
29	São Pedro (Wilson de Azevedo)	1957	1975
30	Vicente de Carvalho	1957	1996

Fonte: Sacchelli, 2009, p. 112

Figura 20: Listagem das Escolas Primárias Rurais parte 2

31	Visconde de Mauá	1957	Sem dados
32	Coelho Neto	1958	1996
33	Cristóvão Colombo	1958	1996
34	Marechal Rondon	1958	1996
35	Nossa Senhora Aparecida	1958	1996
36	Rodrigues Alves	1958	1967
37	Tiradentes	1958	1996
38	Doutor Cândido de Abreu	1959	1996
39	Nossa Senhora de Fátima	1959	1988
40	Nossa Senhora de Lourdes	1959	1996
41	Assis Brasil	1960	1996
42	Coronel Luiz José dos Santos	1960	1975

Fonte: Sacchelli, 2009, p. 112

Figura 21: Listagem das Escolas Primárias Rurais parte 3

Nº	Escola Rural Municipal	Data de Início de Funcionamento	Data que a Escola foi Desativada
43	Erwin Schindler	1960	1996
44	Teixeira de Freitas	1960	1996
45	Carlos Smidt	1961	1996
46	Miguel Simião	1961	1996
47	Martins Fontes	1962	1982
48	Ministro Alberto Pascoalini	1962	1982
49	Padre. Bartolomeu de Gusmão	1962	1996
50	Casemiro de Abreu	1963	1974
51	Maria Montessori	1964	1996
52	Padre José Canalle	1964	Em funcionamento
53	Quilômetro Dez	1964	1996
54	Antônia Reginato Viana	1965	1977
55	Dom Armando Cirio	1965	1974
56	Paul Harris	1965	1983
57	Rosa Schindler	1965	1983
58	31 de Março	1966	Em funcionamento
59	Noboru Fukushima	1966	1982
60	Antônio de Lúcio	1967	1996
61	Nipo Brasileira	1967	Em funcionamento
62	Campos Sales	1968	1996
63	Padre. Severino Cerutti	1968	1996
64	Prudente de Moraes	1968	1989
65	Fazenda Fenato	1969	1996
66	Vila Apucaraninha	1969	1977
67	Betel	1970	1974
68	Padre José de Anchieta	1971	1989
69	Papa Paulo VI	1971	1996
70	Padre Manoel de Nóbrega	1972	1999
71	Dom Romeu Alberti	1973	1996
72	Moreira Sampaio	1973	1982
73	Abraham Lincoln	1974	1983
74	Antônio F. Ferreira da Costa	1974	1996
75	Antônio Ostrenski	1975	1996
76	Antônio R. Viana	1975	1975
77	Jeso Manoel dos Santos	1975	1996
78	Dante Peron	1976	1987
79	Manoel de Nobrega	1980	1999
80	Wilson de Azevedo	1984	Em funcionamento.
81	Novos Produtores	1986	Sem dados
82	Bernardino de Campos	Sem dados	1996

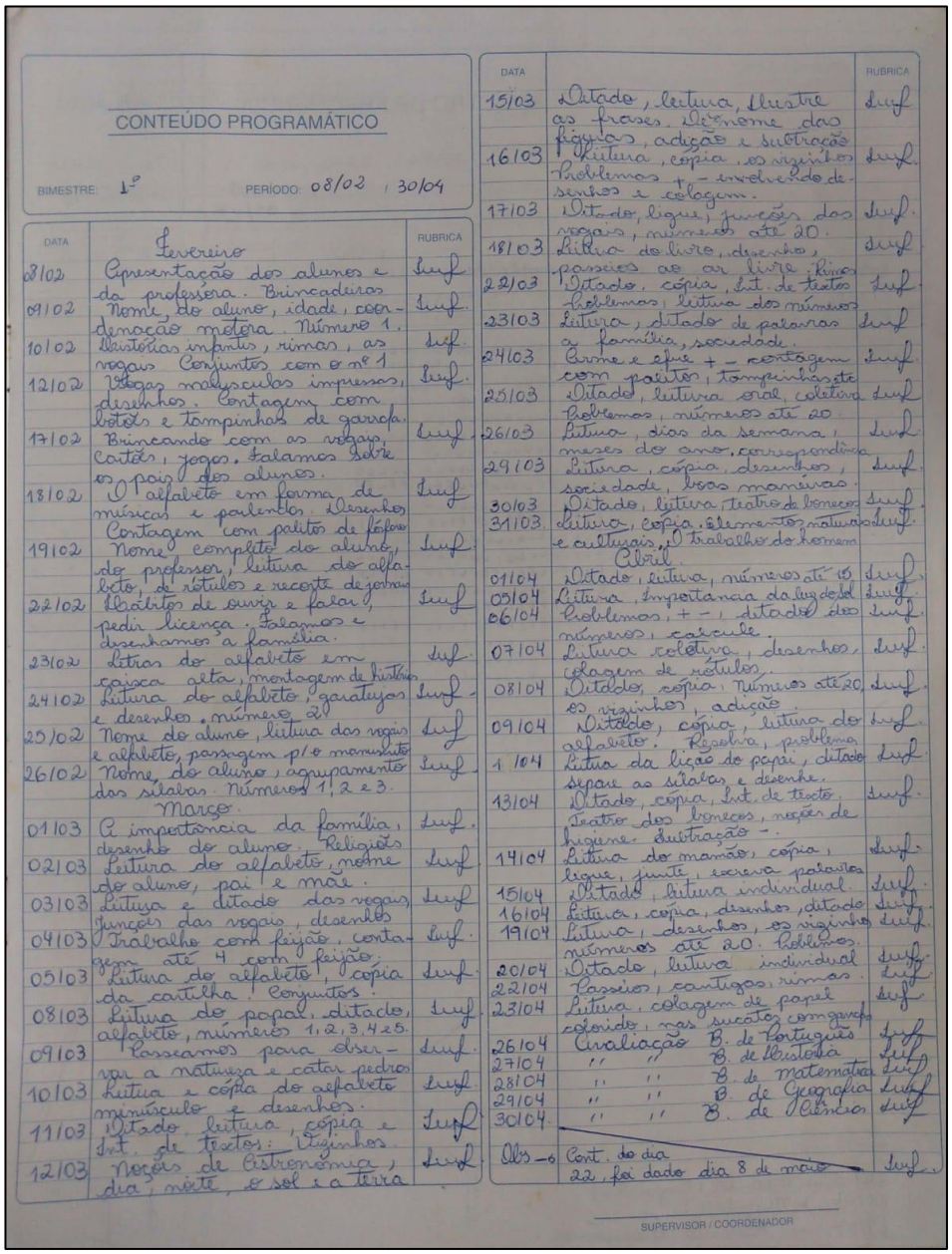
Fonte: Sacchelli, 2009, p. 113

Figura 22: Listagem das Escolas Primárias Rurais parte 4

Nº	Escola Rural Municipal	Data de Início de Funcionamento	Data que a Escola foi Desativada
83	Fazenda Vargas	Sem dados	Sem dados
84	Dom Armando Cirio	Sem dados	Sem dados
85	Fritz Schwen	Sem dados	Sem dados
86	Humberto Castelo Branco	Sem dados	1996
87	João Rogrigues de Souza	Sem dados	1983
88	Joaquim Rodrigues Vieira	Sem dados	1983
89	Nova Aliança	Sem dados	Sem dados
90	São Bartolomeu	Sem dados	Em funcionamento

Fonte: Sacchelli, 2009, p. 114

Figura 23: Conteúdo Programático 1990



CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

BIMESTRE: 1º PERÍODO: 08/02 / 30/04

DATA		RUBRICA
	Fevereiro	
08/02	Apresentação dos alunos e da professora. Brincadeiras	Luf
09/02	Nome do aluno, idade, coordenação motora. Número 1.	Luf
10/02	Ilustrações infantis, rimas, as vogais. Conjuntos com o nº 1	Luf
12/02	Vogais maiúsculas impressas, desenhos. Contagem com lotes e tampinhas de garrafa.	Luf
17/02	Brincando com as vogais, cartas, jogos. Falamos sobre os pais dos alunos.	Luf
18/02	O alfabeto em forma de músicas e palavras. Desenhos. Contagem com palitos de fósforo	Luf
19/02	Nome completo do aluno, do professor, leitura do alfabeto, de rótulos e recorte de jornais	Luf
22/02	Hábitos de ouvir e falar, pedir licença. Falamos e desenhamos a família.	Luf
23/02	Letras do alfabeto em caixa alta, montagem de história	Luf
24/02	Leitura do alfabeto, garatujas e desenhos. número 2	Luf
25/02	Nome do aluno, leitura das vogais e alfabeto, passagem p/o manuscrito	Luf
26/02	Nome do aluno, agrupamento das sílabas. Números 1, 2 e 3.	Luf
	Março	
01/03	A importância da família, desenho do aluno. Religiões	Luf
02/03	Leitura do alfabeto, nome do aluno, pai e mãe.	Luf
03/03	Leitura e ditado das vogais, junções das vogais, desenhos	Luf
04/03	Trabalho com feijão, contagem até 4 com feijão.	Luf
05/03	Leitura do alfabeto, cópia da cartilha. Conjuntos.	Luf
08/03	Leitura do papel, ditado, alfabeto, números 1, 2, 3, 4 e 5.	Luf
09/03	Passeamos para observar a natureza e catar pedras	Luf
10/03	Leitura e cópia do alfabeto minúsculo e desenhos.	Luf
11/03	Ditado, leitura, cópia e Int. de textos: Vizinhos.	Luf
12/03	Noções de Astronomia, dia, noite, o sol e a terra	Luf
15/03	Ditado, leitura, ilustre as frases. Dicionário dos figurinos, adição e subtração	Luf
16/03	Leitura, cópia, os vizinhos. Problemas + - envolvendo desenhos e colagem.	Luf
17/03	Ditado, ligue, junções das vogais, números até 20.	Luf
18/03	Leitura do livro, desenhos, passeios ao ar livre. Rimas	Luf
22/03	Ditado, cópia, Int. de textos. Problemas, leitura dos números	Luf
23/03	Leitura, ditado de palavras a família, sociedade.	Luf
24/03	Cruze e efue + - contagem com palitos, tampinhas etc	Luf
25/03	Ditado, leitura oral, coletiva. Problemas, números até 20.	Luf
26/03	Leitura, dias da semana, meses do ano, correspondência	Luf
29/03	Leitura, cópia, desenhos, sociedade, boas maneiras.	Luf
30/03	Ditado, leitura, teatro de bonecos	Luf
31/03	Leitura, cópia, elementos naturais e culturais. O trabalho do homem	Luf
	Abril	
01/04	Ditado, leitura, números até 10	Luf
03/04	Leitura, importância da luz do dia	Luf
06/04	Problemas, + -, ditado dos números, cálculo.	Luf
07/04	Leitura coletiva, desenhos, colagem de rótulos.	Luf
08/04	Ditado, cópia. Números até 20, os vizinhos, adição	Luf
09/04	Ditado, cópia, leitura do alfabeto. Reserva, problema	Luf
1/04	Leitura da lição do papai, ditado separe as sílabas e desenhe.	Luf
13/04	Ditado, cópia, Int. de texto. Teatro dos bonecos, noções de higiene. Subtração -.	Luf
14/04	Leitura do manual, cópia, ligue, junte, escreva palavras	Luf
15/04	Ditado, leitura individual.	Luf
16/04	Leitura, cópia, desenhos, ditado	Luf
19/04	Leitura, desenhos, os vizinhos, números até 20. Problemas.	Luf
20/04	Ditado, leitura individual	Luf
22/04	Passeios, cantigas, rimas.	Luf
23/04	Leitura, colagem de papel colorido, nas sucatas com garrafa	Luf
26/04	Avaliação B. de Português	Luf
27/04	" " B. de Ilustrada	Luf
28/04	" " B. de Matemática	Luf
29/04	" " B. de Geografia	Luf
30/04	" " B. de Ciência	Luf
Obs –	Cont. do dia 22, foi dado dia 8 de maio	Luf

SUPERVISOR / COORDENADOR

Fonte: Arquivo da Escola M. do C. Professor Wilson de Azevedo (1990).